

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
HISTÓRIA – LICENCIATURA

LUCAS MARTÍRIO DE ARAÚJO

COMO VÃO AS ESCOLAS DE SAMBA?
descaso, marginalização e violência estatal no Carnaval de Maceió na
transição da ditadura para a democracia (1979-1985)

MACEIÓ – AL

2023

LUCAS MARTÍRIO DE ARAÚJO

**COMO VÃO AS ESCOLAS DE SAMBA?
descaso, marginalização e violência estatal no Carnaval de Maceió na transição da
ditadura para a democracia (1979-1985)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História - licenciatura da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciatura em História, sob a
orientação do Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida.

MACEIÓ – AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/661

A663c Araújo, Lucas Martírio de.
Como vão as escolas de samba? descaso, marginalização e violência estatal no carnaval de Maceió na transição da ditadura para a democracia (1979-1985) / Lucas Martírio de Araújo. – 2023.
47f. : il.

Orientador: Anderson da Silva Almeida.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Curso de História, Maceió, 2023.

Inclui bibliografia

1. Carnaval – Maceió (AL) – 1979-1985. 2. Ditadura militar. 3. Escolas de Samba.
.4. Maceió – Turismo. I. Título.

CDU: 930.85:791.65(813.5)

AGRADECIMENTOS

Ao querido orientador e professor Anderson Almeida por ter encarado o desafio de colocar nas ruas e na academia as nossas escolas de samba.

Agradeço imensamente aos professores Danilo Marques e Elias Veras não só por aceitarem compor a banca e contribuir com a versão final dessa pesquisa, como também por serem grandes apoiadores da história das escolas de samba.

Agradecimento especial para Tony Jorge, Robson e Galego por terem aberto as sedes das Escolas de Samba Unidos do Poço e Girassol. Sem a contribuição dessas pessoas os sambas estariam silenciados.

As professoras do departamento de História da UFAL Flávia Carvalho, Clara Suassuna e Irineia Franco, pelas sugestões, aulas, indicações e auxílio aos arquivos.

Dedico com muito amor para minha família e em especial a dona Cícera Maria do Santos, que foi a grande incentivadora do meu rumo a universidade. Esse trabalho é dedicado também em sua memória. A sua benção, minha vó. Gostaria de agradecer nominalmente a minha irmã Lívia e minha mãe, Edilma Martírio, pelo amor e carinho. Foi também a mais linda passista que já sambou na Escola de Samba Girassol. Ao meu tio Nado por estarmos juntos como pai e filho desde sempre. A meu tio Edilson Martírio, o Dinho da Gira, por ter me inspirado nos caminhos do samba.

Dedico também a minha companheira Laysa, que se dedica todos os dias pelo sucesso de nossas lutas e que tanto apoiou essa pesquisa. Perdão por encher seu tempo com assuntos sobre samba. Obrigado por me ouvir, sem você tudo seria mais desafinado.

Aos amigos e amigas peço perdão por não conseguir dar conta de todos os nomes num parágrafo, sintam-se todos e todas abraçadas. Em especial obrigado Vanessa Elisa, pelo amor e amizade de sempre. Elias Veras pelo carinho e cuidado que derrubou os muros da universidade. A Geysson Santos, Gésika Costa, Gabriel Santos, Alycia Oliveira, Montilla, Sand Rocha, Adson Amorim, Arryson, Daniel Marinho, Delanisson, Alex Campos, Camila Melo, Gustavo Bezerra, Gabi Torres e tantos outros que não caberiam aqui. Perdão!

Por fim, essa pesquisa é especialmente dedicada a memória de Ana Paula Palamartchuk, que foi a grande incentivadora desse trabalho com as escolas de samba e que é parte inseparável dela. Obrigado, Tchuk! Essa pesquisa nasceu geminiana como tinha que ser. Conseguimos.

RESUMO

Buscando provocar uma historiografia das escolas de samba de Maceió, a presente pesquisa buscou refletir o lugar das escolas de samba na cidade e as razões de como foram reduzidas ao que se denominou "grupo show". Notando que o sucateamento das culturas populares na cidade de Maceió não é recente e tampouco restringe-se aos últimos governos. É sintomático e histórico as violências de Estado contra o mundo do samba e toda a vasta riqueza das culturas negras no Brasil e em Alagoas. Durante a ditadura militar estabeleceu-se no país em Maceió forte vigilância sob a justificativa do anticomunismo o que exigiu das agremiações novos modos de sobrevivência, predominando mesmo na transição da ditadura para a democracia (1979-1985), as medidas de repressão e de sucateamento das escolas de samba, ao tempo em que se priorizou as políticas que inventaram a cidade turística de "Sol e Mar".

PALAVRAS-CHAVE: Escolas de Samba; Carnaval; Ditadura Militar; Transição; Cidade Turística.

ABSTRACT

Seeking to provoke a historiography of the samba schools in Maceió, the present research aimed to reflect on the place of samba schools in the city and the reasons behind their reduction to what is called the "show group." Noting that the neglect of popular cultures in the city of Maceió is neither recent nor limited to the recent governments, it is symptomatic and historical to observe the state's violence against the world of samba and the vast richness of black cultures in Brazil and Alagoas. During the military dictatorship, strong surveillance was established in Maceió, under the pretext of anti-communism, which demanded new survival strategies from the *agremiações* (samba schools). This repression and neglect of the samba schools persisted even during the transition from dictatorship to democracy (1979-1985), while policies prioritized the creation of the tourist city known as "Sun and Sea."

KEY-WORDS: Samba Schools; Carnival; Military Dictatorship; Transition; Touristic City.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEMA - Centro da Mulher Alagoana

COC – Comissão Organizadora do Carnaval

CSA - Centro Sportivo Alagoano

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MNU - Movimento Negro Unificado

MR-8 Movimento Revolucionário 8 de Outubro

NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros

OPA - Operação Pan- Americana

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PMDB - Movimento Democrático Brasileiro

SNI - Sistema Nacional de Informações

TCE-AL - Tribunal de Contas do Estado de Alagoas TCE-AL

TNH1- Tudo Na Hora

UFAL- Universidade Federal de Alagoas

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Página do Jornal de Alagoas, traz notícias sobre carnaval maceioense.
- Imagem 2 – Escola de Samba Circulista no carnaval de Maceió, 1953.
- Imagem 3 – Grupo Show da Escola de Samba Unidos do Poço, 2021.
- Imagem 4 – Bairros maceioenses que receberam apoio da prefeitura no carnaval, 1980.
- Imagem 5 – Praça moleque namorador em 1980, zona Sul de Maceió.
- Imagem 6 – Praça Lucena Maranhão, 2016.
- Imagem 7 – Escola de Samba Circulista no desfile de rua, 1950.
- Imagem 8 – Transformação espacial no bairro da Ponta Verde.
- Imagem 9 – Prefeitura solicita apoio de comerciantes para realização do carnaval, 1980..

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	14
Samba como modo de vida, Escolas de Samba como organizações negras.....	14
1.1 - Os Sambas e sua polissemia.....	14
1.2 - Mas, afinal, é possível definir o que é uma escola de samba?	16
1.3 - O carnaval de rua, as escolas de samba e os conflitos	21
CAPÍTULO II.....	32
Escolas de samba no contexto da ditadura militar e da transição autoritária em Alagoas: repressão, contradições e reinvenção.....	32
2.1 A violência da rua à academia: Maceió que correspondia à Ditadura.....	32
2.2 Escolas de samba: acomodação, adesão ou resistência?	40
2.3 Uma outra versão de samba-enredo.....	47
CAPÍTULO III	53
A invenção da cidade turística e o declínio do carnaval popular	53
3.1 – Inventando uma cidade para turista	53
3.2 - Políticas públicas entre o turismo e a cultura.....	59
CONCLUSÃO.....	67
FONTES	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

INTRODUÇÃO

Falar e pensar sobre o samba e o carnaval não é tarefa fácil. Mesmo para quem está próximo do mundo do samba, o caminho se mostra bastante enredado. Refletir e escrever sobre esse mundo e especificamente sobre as Escolas de Samba em Maceió é igualmente complexo. Ao debruçar-me sobre a pesquisa e o exercício da produção historiográfica percebi que tinha duas importantes tarefas: a primeira foi a de buscar produzir um trabalho que pensasse com e a partir de sujeitos oriundos do meu mundo no espectro acadêmico e intelectual, e que esse trabalho fosse uma resistência, através do meio científico, ao apagamento desses sujeitos num estado que historicamente reprimiu, assassinou e rejeitou corpos que destoam da cisheteronormatividade, como também as produções das gentes negras e periféricas em todos os âmbitos da sociedade alagoana.

Reconhecendo-me e colocando-me como parte desses sujeitos invisibilizados e silenciados, o sentido da pesquisa aqui é pensado para além da produção do conhecimento eurocêntrico, erudito e hegemonicamente branco, como também de produção de um conhecimento negro que deixa de ser objeto de estudo e se torna ator, intérprete e produtor de conhecimento. O sambista, historiador e antropólogo Vinicius Natal, em seu artigo “*A voz do sambista na academia*” (2020) que discute a presença do sambista nos espaços acadêmicos e de produção qualificada de conhecimento, chamou atenção para esse desafio:

Mesmo que nós, sambistas, sempre tivéssemos uma reflexão profunda sobre suas próprias vivências cotidianas, nos foi inculcado que o nosso lugar seria sempre o de objeto de estudo, e não atores de nossa própria história. Afinal, o espaço social da intelectualidade brasileira fora, também, forjado para atender a uma elite senhorial capaz de domesticar e oprimir.¹

Nessa direção, refletir sobre o mundo do samba é tomado aqui como um compromisso com os sujeitos que fazem o carnaval e as escolas de samba acontecerem. Escrever sobre esses sujeitos é falar sobre os cotidianos, sobre sobrevivências e sobre existências silenciadas e embaçadas. Portanto, é de grande importância que as mínimas transformações que vêm acontecendo nas universidades permaneçam, sendo a principal delas aquela que não só observa sujeitos negros, periféricos e seus modos de vida como

¹ NATAL, Vinicius. A voz do sambista na academia. **Samba em revista**: carnaval em tempos de crise. Rio de Janeiro, v. 12, n. 9, p. 43, mai. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1SgcLJ415zfhxqQIGFaUxNXLhZD6U_ICn/view. pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

objetos de estudo, mas também como produtores de conhecimento e sujeitos intelectuais. Logo, estabelecendo outra relação que está cada vez mais aliada aqueles que um dia deixaram de, sequer, ser lembrados:

Quase quarenta anos depois, a academia – esse ente quase etéreo recheado de complexidades e pluralidades – tem ocupado um papel de importante espaço simbólico para a construção de conhecimento aliado à luta social e política, cada vez mais disposto ao debate. Impulsionada por uma visão ampliada de cultura somada aos estudos sociais “a contrapelo” no campo da história, a “vida acadêmica” atua como um palco de disputas narrativas em que múltiplas identidades reivindicam seu protagonismo, apesar de a desigualdade epistêmica ainda ser uma problemática latente – ainda, brancos, héteros e homens cis ocupam esse lugar privilegiado de construção narrativa.²

Para Natal, é importante que pesquisadores sambistas, e que fazem parte das chamadas minorias sociais – no sentido de não estarem representadas de forma proporcional nas instâncias do Estado -, entendam essa dinâmica do espaço da academia e seu funcionamento para a concepção de uma outra produção intelectual, que apesar da histórica exclusão de corpos e mentes negros é preciso tomar propriedade e assento em suas bancas para um rompimento do monopólio do conhecimento. Ou seja, nossa gente refletindo e escrevendo sobre nossa própria gente para que nossa história seja ouvida e lida. E é nesse sentido que se fez necessário uma história das escolas de samba de Maceió, que por muito tempo não se fez presente no imaginário ³social alagoano.

Entretanto, a academia, hoje, é uma possibilidade real na trajetória de muitos sambistas que entendem que a ocupação desses espaços faz parte de uma estratégia do entendimento do seu lugar de ação transformadora no mundo social. Adentrá-la não significa dançar sob a batuta das premissas coloniais, mas sim negociar para subvertê-la, abalando a base do status quo e questionando os modelos canônicos.⁴

A segunda tarefa encontrada junto ao mundo das escolas de samba e do universo do samba e do carnaval foi tentar refletir sobre essas escolas sem cair numa armadilha de romantização desses sujeitos e de suas produções culturais sem levar em conta suas participações ativas em todo processo. Portanto realizar um trabalho que fosse sobretudo

² NATAL, Vinícius. A voz do sambista na academia. **Samba em revista**: carnaval em tempos de crise. Rio de Janeiro, v. 12, n. 9, p. 44, mai. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1SgcLJ415zfhxqQIGFaUxNXLhZD6U_ICn/view. pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

³ Termo utilizado nas produções na área da História e está muito ligado a chamada Nova História, sobretudo na História das Mentalidades. Significa o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade, espécie de depósito de memória e imaginação. O imaginário é, portanto, parte do mundo real e das experiências que as pessoas possuem, suas formas de viver e de pensar.

⁴ NATAL, Vinícius. A voz do sambista na academia. **Samba em revista**: carnaval em tempos de crise. Rio de Janeiro, v. 12, n. 9, p. 44, mai. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1SgcLJ415zfhxqQIGFaUxNXLhZD6U_ICn/view. pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

refletir racionalmente suas dinâmicas, contradições, incoerências, seus conflitos e que não se resumisse a uma espécie de ode a divindades perfeitas que pudesse resultar num entendimento que esses sujeitos estivessem num local de passividade em que são a todo momento vítimas das mazelas sociais a que foram acometidos nos diversos projetos políticos (por vezes racistas) do Brasil e do estado de Alagoas.

Um panorama dos jornais abordados

Os jornais e periódicos constituem ainda hoje num importante espaço de debate e compreensão histórica para a historiografia no Brasil. Tania Regina de Luca em seu artigo *História dos, nos e por meio dos periódicos*, publicado no livro *Fontes Históricas* (2005) aponta para a importância do trabalho historiográfico com esse tipo de documentação que outrora renegado ou desconsiderado pelos historiadores revelou-se uma importante fonte histórica quando inquirido de maneira adequada.

Longe de reconstruir o passado ou determinar verdades absolutas, aqui o trabalho historiográfico com os impressos buscou compreender em suas fissuras, silêncios e interesses analisar como as culturas populares eram apresentadas e lidas por esses veículos de informação. Assim como definiu o historiador Antoine Prost (1998) sobre o exercício de interrogar a documentação e os textos “interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam”⁵.

⁵ PROST, Antoine. “**Social e cultura indissociavelmente**”, em Rioux, Jean-Pierre; Sirinelli, Jean-François. Para uma história cultural, Lisboa: Estampa, 1998, p. 130.

IMAGEM 1: Página do Jornal de Alagoas traz notícias sobre o carnaval maceioense e em nota na mesma página defende informar a verdade.



Fonte: Jornal de Alagoas, 22 de fevereiro de 1979, p. 8.⁶

Os periódicos não consistem-se em veículos de informação isentos e imparciais que se dirigem aos leitores como mero divulgador da verdade, assim como declarava uma nota de propaganda do Jornal de Alagoas, em 22 de fevereiro de 1979. Pelo contrário, eles revelam olhares, abordagens, perspectivas e ideias de quem os produz. É nesse sentido que analisamos as escolas de samba em Maceió e como apareciam para a população alagoana segundo os principais impressos daquele momento no estado de Alagoas.

Entre a virada da década de 1970 e 1980, junto ao rádio, o principal meio de comunicação do estado de Alagoas e da cidade de Maceió foi o jornal impresso e, por isso mesmo, foi lançado mão aqui sobre eles não como forma de reproduzir acontecimentos, mas como possibilidade de compreender em suas linhas editoriais, detalhes, ideias e colunas culturais o modo como as escolas de samba e o carnaval popular na capital do estado eram tratados e o que se pode revelar a partir de então dentro daquele contexto ainda de ditadura civil-militar. Essas fontes, ainda que produzidas por grupos e pessoas poderosas no estado de Alagoas, dizem mais do que podemos supor ou esperar. Esse trabalho buscou muito mais questionar do que dar conta de tudo aquilo que a fonte é capaz de dizer. Pretender tal coisa seria no mínimo uma ingenuidade.

Os jornais de maior circulação no período eram o Jornal de Alagoas, Gazeta de Alagoas e o Jornal de Hoje, todos ligados a grupos e pessoas politicamente e/ou economicamente abastadas. O Jornal de Alagoas por exemplo pertencia ao maior

⁶ Nota de propaganda do Jornal de Alagoas sugere uma postura de informações verdadeiras e relaciona essa verdade ao cristianismo, comparando com a Bíblia.

conglomerado nacional de mídia especializada da época, o *Diários Associados Assis Chateaubriand*, fundado pelo jornalista e ex-senador da República que deu nome ao grupo. Chateaubriand era um jornalista muito atuante na política nacional e antes mesmo de sua morte em 1968 mobilizou o império dos impressos para participar do golpe que derrubou João Goulart da Presidência da República.⁷

O Jornal de Hoje foi um impresso de propriedade do senhor Jorge Assunção, jornalista, ex-deputado estadual, foi secretário de educação, presidente do CSA - Centro Sportivo Alagoano (Time de futebol mais popular do estado) e também presidente do Tribunal de Contas do Estado de Alagoas (TCE-AL) por cerca de 16 anos, liderou o órgão por quase todo o período da ditadura, entre 1966 a 1983.⁸ O Gazeta de Alagoas, que ainda é um dos jornais impressos com grande veiculação no estado, é uma propriedade das Organizações Arnon de Melo, foi fundada pelo ex-senador da república de mesmo nome e pai de Fernando Collor de Mello, jornalista e prefeito empossado pela ditadura no cargo em 1979, ponto de partida em nosso recorte temporal.

Além dos jornais já descritos, soma-se a essa pesquisa a contribuição da história oral e documentação digital disponibilizada pelo Arquivo Nacional, como os dossiês produzidos pelas polícias no estado de Alagoas. Este trabalho está organizado em 3 capítulos que versam sobre as escolas de samba de Maceió e seu contexto histórico-social.

Já no primeiro capítulo nos voltamos a pensar sobre o conceito de “samba” ligado a um modo de existência e que vai muito além da música, também nos preocupamos em questionar a definição de escola de samba para além do espetáculo para compreendermos melhor sua relação com os conflitos na cidade de Maceió e nos espaços públicos como nos carnavais de rua. No segundo capítulo analisamos alguns aspectos entre as escolas de samba e o cenário conflituoso da ditadura civil-militar em Maceió, como as diferentes formas de repressão em um ambiente hostil para as associações negras culturais, políticas e acadêmicas. Por fim, nosso terceiro capítulo reflete sobre como as políticas públicas e a invenção da cidade de “Sol e Mar” foram fundamentais para secundarizar as produções culturais populares na cidade e estabelecer um distanciamento da própria população maceioense com relação às suas identidades negras.

⁷ LANGARO, Janaína Julia. Os usos da imprensa como legitimadora da desigualdade social durante a Ditadura Militar. 2019. **Arquivo Histórico Regional** - Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <https://www.upf.br/ahr/memorias-do-ahr/2019/os-usos-da-imprensa-como-legitimadora-da-desigualdade-social-durante-a-ditadura-militar>. Acesso em: 29 de nov. 2022.

⁸ MORRE aos 82 anos Jorge Assunção. **Gazeta de Alagoas**. 21 de jan. 2005. Disponível em: <https://d.gazetadealagoas.com.br/politica/40014/morre-aos-82anos-jorge-assuno>. Acesso em 4 de abr. 2023.

CAPÍTULO I

Samba como modo de vida, Escolas de Samba como organizações negras

1.1 - Os Sambas e sua polissemia

O samba enquanto um gênero musical muito bem estabelecido no Brasil é historicamente recente na história do país. Já o samba enquanto um conjunto de experiências e saberes remete às diásporas negra e o agrupamento de tons, ritmos, gritos, linguagens e sentimentos recriados nessa margem do Atlântico Sul. O samba, mais que tudo isso, significa um modo de pensar a vida. Natal (2020) assim sugere: “O samba é esse complexo de saberes que tem na roda a sua origem e permanência de uma herança ancestral africana, ressignificada em afrobrasilidade. Floresce e tece em redes. Nó que une os mundos. Canção que embala os corpos. Contradição que se revela Brasil.”⁹ Portanto, o samba é por isso mesmo a razão de estar e existir no mundo.

Dialogando com o conceito de samba apresentado por Natal, encontramos um caminho possível para compreender a complexidade das relações entre os sujeitos que compõem essa enorme ala da cultura brasileira e suas expressões mais significativas que ajudam a marcar a identidade do Brasil: as escolas de samba. Igualmente, compreender a relação desses sujeitos com as problemáticas sociais e políticas às quais estão inseridos entre os anos de 1979 e 1985 na cidade de Maceió através dos jornais impressos. São eles os periódicos *Jornal de Alagoas*, *Jornal de Hoje* e o *Gazeta de Alagoas*.

Outra importante contribuição na análise e reflexão sobre a existência, as contradições, conflitos e a complexidade social do carnaval popular e naturalmente do mundo das escolas de samba foi tomar como perspectiva o conceito de cultura defendido por Edward Palmer Thompson (1991)¹⁰. Para o historiador inglês a cultura não deve ser entendida sob uma perspectiva consensual. É preciso tomarmos cuidado em nossas análises sobre culturas e em generalizações sobre elas, incluída aí a cultura popular. Essas generalizações podem sugerir uma ideia de consenso entre atitudes, valores e significados. Se entendida desse modo, deixa de revelar os conflitos existentes entre diferentes costumes.

⁹ NATAL, Vinicius. Samba: uma janela para o mundo. **Pensamento Social do Samba**. 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.pensamentosocialdosamba.com/post/samba-uma-janela-para-o-mundo>. Acesso em: 20 dez. 2021.

¹⁰ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Thompson nos convida a perceber a existência de trocas entre culturas: oral e escrito, dominante e subordinado e é justamente nessa dimensão dos conflitos que devemos entender a cultura: como conflito entre costumes que se modificam ou se transformam num “fluxo contínuo”¹¹. Portanto, defende que esse conceito deve ser entendido por seu lugar material: a partir das relações sociais, da exploração e resistência, das relações de poder, fugindo da perspectiva de consenso e evidenciando as fraturas e oposições existentes.

Está nessa dimensão material e conflituosa a nossa preocupação com as escolas de samba. Dentro de um recorte espaço-temporal analisaremos na documentação já citada como essas agremiações eram percebidas na cidade e como eram suas atuações, suas mobilizações e contradições nas relações com o poder público, a imprensa e entre elas. Uma vez que as culturas populares em Maceió negociavam, resistiam e também atuavam politicamente num contexto histórico de ditadura e transição autoritária.

Outro importante conceito de análise sobre as culturas populares é o proposto por Mikhail Bakhtin (1965)¹² onde a cultura popular, em primeiro lugar, afirma que existe cultura presente entre as classes populares e, por seguinte, ela não só existe entre o mesmo grupo como também se impõe sobre as culturas dominantes. Ou seja, o que há é uma circularidade cultural na sociedade, logo a cultura popular existe como forma de se colocar e ver o mundo. Ela surge na comunidade e tem caráter “não oficial”¹³ que denuncia que a cultura é parte de todas as pessoas e classes e não se restringe a um grupo de acadêmicos, eruditos e letrados.

As escolas de samba representam bem esse movimento analisado por Bakhtin pois elas têm majoritariamente uma contribuição cultural popular, mas que como veremos mais adiante não se restringe apenas às comunidades e periferias, como também aos letrados e grupos abastados.

O historiador e músico Amailton Magno Azevedo em seu artigo intitulado *Negritude e Música no Atlântico Sul* do livro *Ritmos Negros* (2021)¹⁴ organizado por esse mesmo autor, reflete sobre a impossibilidade de analisarmos as culturas negras, sobretudo

¹¹ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Pág. 16.

¹² BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

¹³ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987. Pág. 4 e 5

¹⁴ AZEVEDO, Amailton Magno. “**Negritude e Música no Atlântico Sul**”, em AZEVEDO, Amailton Magno(org). *Ritmos Negros: música, arte e cultura na diáspora negra*, 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2021.

a música, a partir de um pensamento que não enxerga os conflitos dessas experiências e que não coloca o negro como centralidade:

As interpretações centradas no racionalismo iluminista não são mais suficientes para compreender os mapas culturais e multicêntricos entre as diásporas contemporâneas. Nas textualidades e representações construídas nas musicalidades negras que transitam na descontinuidade do tempo universal, a imagem eurocêntrica é questionada. Os músicos expressam olhares e percepções situadas em um tempo pós-iluminista ao estabelecer uma justaposição entre o escrito e o oral, o sensível e a reflexão num campo de relações e inter-relações horizontais. Atuam numa zona sensorial aberta para interpelar a experiência, alargam os poros da percepção para intuir novos projetos, outras histórias - do ex-colonizado, da sua espacialidade/território, da sua memória, dos seus saberes e fazeres. Estão instaurando redes sensoriais, rítmicas e políticas que se comunicam sob a dinâmica da negociação. Um mapa multicêntrico revela-se sugerindo as imagens negras como centro da história contada através do ritmo, harmonia, palavra poética e política. (AZEVEDO, 2021, p. 12)

No entanto, Azevedo também chama atenção para não cairmos na armadilha de numa análise essencialista e purista do negro. Pois essa, sendo uma “invenção branca”, também é uma forma de reprodução colonial:

Neste livro não se buscou idealizar uma pureza negra, perfeita, genial, sem pecados, feliz, responsável, apolínea, educada e polida. Na tradição filosófica das etnias fula e bambara do Mali, a noção de pessoa humana expressa uma complexidade, ‘que comporta uma multiplicidade interior, de planos de existência diferentes ou sobrepostos, e uma dinâmica constante’. Isto que os fulas e os bambaras concebem enquanto noção de pessoa assegura que nela habita correntes contraditórias: ‘harmonia cósmica e ruptura de equilíbrio, esperança inebriante e desespero deprimente, amor e ódio, amor da paz e surtos animais de violência, espiritualidade e materialidade, alegrias e tristezas, certezas apaziguadoras e a dúvidas agonizantes, etc’. Empréstimo essa noção para repensar a negritude em termos mais complexos, como uma experiência que comporta ambiguidades, nuances e contradições. Assim como nos termos de Hampaté Bâ, uma definição que admite uma multiplicidade interior e dinâmica. Isto posto, deixemos de mitificar a negritude. Ela é só uma invenção branca (AZEVEDO, 2021, p. 9).

Partindo dessas premissas sobre as culturas populares, negras e a experiência do samba quanto um modo de estar no mundo tentaremos responder sobre as escolas de samba em Maceió e seus modos de negociar suas existências considerando suas controvérsias, suas dinâmicas, suas atuações dentro dos conflitos ao qual estavam participando.

1.2 - Mas, afinal, é possível definir o que é uma escola de samba?

Há quem entenda as escolas de samba como grupos recreativos ligados aos desfiles de carnaval no Brasil, reconhecidas por uma música de tipo samba-enredo que remete, por isso mesmo, aos batuques e a histórias narradas durante suas apresentações? Também são reconhecidas pelo amontoado de pessoas que dançam e cantam esses

sambas-enredo trazendo cores e brilhos em suas fantasias, figurinos e em carros alegóricos?

Remanescentes dos ranchos carnavalescos que vigoraram na segunda metade do século XIX por todo Brasil, as escolas são o resultado de várias influências sociais e políticas que marcaram o início do século XX no então Distrito Federal, a atual cidade do Rio de Janeiro. No *Dicionário da História Social do Samba* (2020) o sambista Nei Lopes e o historiador e também sambista Luiz Antonio Simas afirmam que as escolas de samba foram “Criadas e desenvolvidas a partir do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1930, ainda dentro de um projeto de recreação e sociabilidade, as escolas de samba logo foram incentivadas a competir entre si.”¹⁵

Nei Lopes e Luiz Antonio Simas, claro, não se limitaram a citar apenas as escolas de samba do Rio de Janeiro, ainda que se dediquem na obra a tratar muito mais sobre elas e a região circunvizinha do estado do Rio de Janeiro:

A partir da experiência carioca, o fenômeno escola de samba disseminou-se pelo Brasil. Então, algumas modalidades de folguedos em cortejo já praticadas (cordões, ranchos, blocos) passaram a receber a denominação consagrada da Capital Federal. Em Minas Gerais, já em 1937, a capital Belo Horizonte, teria visto nascer a Escola de Samba Pedreira Unida. Três anos antes, segundo alguns registros, já havia sido criada, na cidade de Juiz de Fora, mais próxima do Rio, a Turunas do Riachuelo. Na cidade de São Paulo, na década de 1940, no tradicional bairro do Bixiga, o antigo cordão Vai-Vai transformava-se em escola de samba. Logo depois ocorria o mesmo com a Nenê da Vila Matilde e a Lavapés, na baixada do Glicério. Além da capital, o estado de São Paulo viu nascerem escolas de samba nas cidades de Santos, Bauru, Ribeirão Preto, Piracicaba [...]. Em Porto Alegre, já em 1940, nascia a Bambas da Orgia. Em Florianópolis, importantes agremiações do samba são as escolas Protegidos da Princesa, fundada em 1948, a Embaixada Copa Lord e a Coloninha.[...] Em São Luiz do Maranhão, uma das mais antigas escolas é a Favela do Samba, de 1950. A ela vieram somar-se, entre outras: Acadêmicos do Túnel do Sacavém, Marambaia, Mocidade Independente de Fátima e Turma da Mangueira. Em Belém do Pará, em 1951, era fundada a Maracatu do Subúrbio, a ela vieram juntar-se a Quem São Eles, campeã em 1952 [...]. Em Salvador, brilharam, na década de 1960, entre outras escolas, a Diplomatas de Amaralina e a Juventude do Garcia, mais tarde absorvidas pelos blocos de índios, antecessores dos atuais blocos afro. Em Recife, as escolas de samba do grupo principal desfilavam na segunda-feira, na avenida Dantas Barreto. Em Macapá, depois do Boêmios do Laguinho, fundada em 1954, surgiam Maracatu da Favela, Piratas da Batucada, Emissário da Cegonha, Jardim Felicidade, Império do Samba e Solidariedade. [...] É importante dizer que, em todas as cidades e localidades mencionadas, seja no âmbito das escolas ou em redutor independentes, a cultura do samba se faz sempre presente, em forma de pagodes, rodas de samba e outras modalidades e expressões de arte e socialização. (LOPES; SIMAS, 2020, p. 121- 122).

¹⁵ LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 117.

Em Maceió, a partir das fontes consultadas, sugere-se que as escolas de samba foram fundadas por volta da década de 1950 como endereço um dos Grêmios mais longevos da cidade, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Poço, fundado em 1955 no bairro do Poço, como remete suas páginas nas redes sociais e uma matéria publicada pelo Jornal de Alagoas nas prévias dos festejos de momo de 1979 em Maceió.

A escola de samba Unidos do poço foi fundada por um grupo fanático deste ritmo brasileiro, em 1955, embaixo de um pé de fruta pão. Seu primeiro presidente chamava-se Jaime. Mas, Geraldo Teixeira foi o que conseguiu erguer a escola e classificá-la em primeiro lugar durante dez anos. ¹⁶

A Escola de Samba Circulista, ligada ao círculo operário da igreja católica também data em meados dos anos 1950, mais precisamente de 1953 como sugere uma publicação divulgada pelo blog História de Alagoas. Difícil precisar corretamente quando exatamente essas escolas foram fundadas, e esse não é nem de longe nosso objetivo apontar, mas sim historicizar e contextualizar um pouco de suas existências.

IMAGEM 2: Integrantes da Circulista no carnaval de Maceió, 1953.



Fonte: Acervo do blog História de Alagoas. ¹⁷

O surgimento das escolas de samba maceioenses também denota que suas fundações aconteceram no momento em que as escolas de samba do Distrito Federal, polo de maior visibilidade midiática do país no período, já estavam estabelecidas e ganhando

¹⁶ PARIPUEIRA inspira a Unidos do Poço. **Jornal de Alagoas**, 15 de fev. 1979, p. 02.

¹⁷ **ESCOLA** de Samba Circulista no carnaval de Maceió em 1953. Disponível em: <https://www.instagram.com/historiadealagoas/>. Acesso em: 13 de fev. 2023.

as características que marcam bem as escolas entre o senso comum: a participação em concursos e competições.

Lopes e Simas (2020, p.117) neste mesmo trabalho pontua sobre as transformações que acompanharam as escolas ao longo do tempo e inclusive sobre as competições:

A primeira disputa com a ocorrência de um pequeno cortejo ocorreu no carnaval de 1932, patrocinada pelo jornal *Mundo Sportivo* e idealizada pelo jornalista Mário Filho, homem de imprensa que colaborou decisivamente para que o samba e o futebol conquistassem de vez a popularidade que hoje detém.

Percebemos, portanto, que as primeiras escolas de samba a surgirem em Maceió apontam para quase duas décadas após o início das competições cariocas que chegaram a ter quase 20 agremiações no seu primeiro concurso. Para razão de analisarmos a experiência das escolas de samba de Maceió também é preciso apontar, em efeitos comparativos, que em quase todos os aspectos as relações das culturas populares e negras na capital alagoana tiveram, guardadas as devidas proporções, dificuldades extrapolantes vide a violência e perseguição aos terreiros e silenciamentos como no Quebra de Xangô em 1912¹⁸ e na própria lei da vadiagem¹⁹ que constituíram fortes instrumentos de marginalização dos negros. Na experiência propriamente das escolas de samba ainda há o elemento de seu desenvolvimento e profissionalização ser relativamente tardio.

Em Alagoas é possível localizar em registros dos jornais e artigos de memória que existiam e ainda existem escolas de samba também localizadas no interior do estado, como as Escolas de Samba 30 de outubro, Unidos de Arapiraca e a Cebolinha, que pertencem ao município de Arapiraca, como apresentam Claudia Almeida, Luciano Gonçalves e Maria Farias no artigo *Cultura, Arte e Saber: Resgatando valores e raízes de Arapiraca*²⁰, publicado pela Educte – Revista científica do IFAL.

No entanto, nos dedicamos aqui às escolas localizadas na capital alagoana, seja pela variedade de documentação jornalística ou policial que tratam delas em seus

¹⁸ Sobre os silenciamentos que envolvem a questão do Quebra de 1912 ver: **Os Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)**, de Gabriela Torres Dias. 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/3756>

¹⁹ Sobre a Lei da vadiagem e códigos criminais que enquadravam práticas e culturas negras em Alagoas ver: **Uma possível “simbiose”: Vadios e capoeiras em Alagoas (1878-1911)**, de Gustavo Bezerra Barbosa. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/2182>

²⁰ ALMEIDA, Cláudia Cristina Rêgo; FARIAS, Maria Aparecida de; GONÇALVES, Luciano Henrique. Cultura, arte e saber: resgatando valores e raízes de Arapiraca. **Revista Educte**. IFAL, Maceió, v. 10, nº 1, p. 1147-1155. Disponível em: <https://periodicos.ifal.edu.br/educcte/article/download/1647/1227/>. Acesso em: 08 de fev.2023.

registros, seja pela importância da capital abrigar o maior número de escolas conhecidas à época estudada e onde a maior parte delas ligadas às comunidades negras e populares, que como remete as nossas fontes de nosso recorte espaço-temporal citam ainda outras agremiações como a Escola de Samba Jangadeiros Alagoano, 13 de maio, Cacique no Samba e a Império Serrano, do bairro de Ponta Grossa.

Para Mauro Cordeiro Junior (2019)²¹ As escolas de samba são muito mais que grêmios recreativos voltados ao sentido dos concursos carnavalescos. Para ele o sentido das escolas de samba vai além disso e tem como uma das principais razões de sua existência a reafirmação das identidades negras e construção de relações coletivas constituídas no cotidiano. Para Junior, os desfiles das escolas de samba foram aos poucos ganhando o sentido – Nas primeiras duas décadas do século XXI - de show, espetáculo, condição financeira, principalmente no Rio de Janeiro.

Anteriormente aos anos 1930, quando as escolas de samba ainda não estavam estabelecidas como grandes instituições do carnaval brasileiro as competições tinham outro sentido, e mesmo no tempo presente em que o espetáculo com interesse majoritariamente financeiro tenha tomado conta de quase todas as grandes escolas do Rio de Janeiro, é possível identificar um sentido que está presente em grande parte das escolas espalhadas pelo Brasil e também entre as escolas de samba de Maceió, as competições também são momentos de apresentação e de afirmação das comunidades negras e pobres perante a cidade e as sociedades. Cordeiro aponta sobre isso: “Dentro do universo das escolas de samba, a vitória no concurso dos desfiles é uma maneira de afirmação destas associações comunitárias na cidade” (JUNIOR, 2019, p. 51).

As escolas de samba são instituições da cultura pois preservam valores, memórias, constituem sujeitos, formam maneiras de classificação e ordenamento do mundo e produzem sentidos. Porque são focos de políticas públicas do turismo e não da cultura? Seus desfiles foram organizados, financiados e pensados desde a oficialização em 1935 até hoje pelos órgãos públicos de turismo junto as entidades representativas das escolas.²²

A experiência das escolas de samba em Maceió dentro de suas complexidades, conflitos e negociações se confrontou diretamente com os poderes dessa cidade que historicamente silenciou e marginalizou as culturas negras desenvolvidas por aqui. O

²¹ JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019.

²² JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019, pág. 105.

carnaval maceioense foi, portanto, o período em que conseguimos analisar como esses conflitos estavam latentes e demandava atuação desses diferentes sujeitos, apesar, claro, do sentido de uma escola de samba não se restringir aos desfiles carnavalescos, pois a atuação das escolas é acima de tudo coletiva e comunitária na vida cotidiana das pessoas que a vivem e a constroem.

1.3 - O carnaval de rua, as escolas de samba e os conflitos

No contexto da realização dessa pesquisa, constatou-se, em Maceió, um disseminado discurso (ou entendimento) entre muitas pessoas de que as festividades de carnaval na cidade são terríveis, ruins, fracas demais ou simplesmente não existem. Quando o assunto são as escolas de samba o entendimento pode ser ainda mais estranho ou sequer existir, pois não é difícil de se detectar um desconhecimento de parte das pessoas sobre a existência das agremiações na cidade, tampouco que elas foram e são importantes espaços de fortalecimento das comunidades.

Em uma entrevista concedida ao portal 082 Notícias, o sociólogo e professor da Universidade Estadual de Alagoas Edson Bezerra, respondendo indagações sobre o carnaval promovido pela prefeitura de Maceió em 2023, especialmente sobre os efeitos da ausência de um carnaval para a cidade, disse:

[...] a reconstrução de um verdadeiro carnaval de rua em Maceió, seria uma rara oportunidade de se reconstruir relações sociais da cidade, as quais, ao longo dos anos foram sendo solapadas em consequência do gigantesco apartheid da cidade que vem se consolidando nas últimas décadas, e, segundo a construção do carnaval de rua poderia proporcionar ao alagoano, sobretudo a nós, moradores da cidade de Maceió, um reforço de nossa identidade cultural afro-alagoana, pois, se por um lado temos uma identidade sustentada desde sempre pelas culturas populares, a nossa classe média – e olhe que agora eu estou deixando de fora as “as elites endinheiradas” justamente as que moram na Ponta Verde ou nos condomínios de luxo – ainda não incorporou esta, a qual, sem ela, lamentavelmente não pode existir uma identidade compartilhada. Afinal, para onde vão os segmentos da classe média de Maceió durante o carnaval? Para onde vão os intelectuais e o pessoal da esquerda durante o carnaval? Sabe para onde elas vão? Vão para as suas casas de praia ou para Olinda, como se elas não tivessem nada a ver com isso, e veja você, mesmo nas previas que acontecem uma semana antes do carnaval, pelos blocos ouvem-se cantar loas ao carnaval de Recife a exemplo do hino do Elefante lá de Olinda: *Olinda, quero cantar, A ti esta canção, Teus coqueirais, o teu sol, o teu mar*. Agora me responda: existe coqueirais e um mar mais bonito do que os de Maceió? Pois, beleza no mar de Olinda é coisa que não existe, e o que mais há nas praias de Olinda são pedras e uma água com uma cor escura e barrenta. Realmente quando eu vejo estas coisas, me ponho a refletir a respeito da gigantesca falta de identidade do alagoano, pois temos um verdadeiro complexo de vira-lata, como diria o Nelson Rodrigues.²³

²³ BEZERRA, Edson. ‘O carnaval de Maceió foi fake’. **082 Notícias**, Maceió, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://082noticias.com/2023/02/28/edson-bezerra-o-carnaval-de-maceio-foi->

Com relação à existência de um carnaval de rua, Bezerra afirmou logo no início da entrevista: “primeiro que não houve um carnaval de rua, segundo o que existiu foram manifestações carnavalescas”. É sintomático o que aponta Edson Bezerra sobre as condições do carnaval em Maceió, sobretudo quando miramos nos bairros populares da cidade e onde há a presença de escolas de samba, associações que possuem uma atuação importante na construção de identidades, sociabilidades e por isso mesmo no modo de vida da comunidade.

Quando eu ainda cursando uma disciplina eletiva na graduação de História da UFAL, intitulada História e Cultura Afro-brasileira, em 2022, ministrada pela professora Clara Suassuna, recebemos a visita do sambista Igbonan Rocha e do músico e violonista Altair Roque que foram convidados em razão de seus saberes e vivências no universo do samba maceioense. Em meio ao debate, enquanto Igbonan mencionou suas experiências como intérprete de escolas de samba, uma colega da graduação confidenciou não saber da existência de escolas de samba na cidade. Em primeiro momento espantou-me aquela declaração, mas em seguida, refletindo sobre o contexto histórico do carnaval popular e da situação das agremiações na cidade, pareceu-me compreensivo. Era sintomático aquela fala e dizia muitas coisas a respeito da realidade tanto das escolas quanto, de modo geral, do carnaval popular da cidade.

Talvez, bastante disso se expresse a partir do esvaziamento da cidade entre os quatro dias de folia e a quarta-feira de cinzas que vê seus foliões se deslocarem para outras cidades como Recife, Olinda e Salvador ou até mesmo a grande maioria deles, obviamente os mais desfavorecidos economicamente, partirem em direção aos municípios alagoanos como Porto de Pedras, São Miguel dos Milagres, Marechal Deodoro, São José da Laje ou Paripueira para festejar o carnaval seja nas casas de praia, seja nas ruas caóticas de gente dançante e animada.

Desse contexto e cenário aqui apresentado, em que o carnaval maceioense basicamente não existe ou é percebido como muito debilitado e abatido nos provoca, exatamente, a observar e refletir sobre como as escolas de samba foram reduzidas ao que se denomina atualmente por “grupo show”, espécie de formato de apresentação que se caracteriza por um elenco de componentes muito reduzido contando com a presença

basicamente de dois surdos, dois tamborins, dois repiques, um cavaquinho²⁴, um intérprete e para não perder a caracterização por completa de uma escola de samba, a presença do mestre sala e da porta bandeira.

De maneira geral esses grupos shows das escolas de samba têm existido para sobreviver de apresentações pontuais que no contexto dessa pesquisa acontecem majoritariamente nas orlas das praias maceioenses. Esse formato “grupo show” parece também remeter a uma organização de componentes reduzidos que já era vista em 1981 e chamados de Ala-show que se apresentavam em festividades privadas ou viagens para outros municípios, a exemplo da Escola de Samba Jangadeiros Alagoanos quando de uma participação no carnaval da cidade de Rio Largo em 1981:

Os eufóricos rumores dão conta também de que uma orquestra já está sendo contratada para tocar nos quatro bailes do carnaval, cujo grito de alerta será dado no próximo dia 21, com baile Vermelho e Branco e a possível presença da Ala-show da Escola de Samba Jangadeiros Alagoanos.²⁵

IMAGEM 3: Grupo show da escola de samba Unidos do Poço, 2021.



26

Fonte: Acervo do autor.

Quando falamos em carnaval da cidade estamos nos referindo ao carnaval de rua, das festas e comemorações populares que são cooptadas e organizadas pelos poderes

²⁴ Surdo é o instrumento responsável pela marcação do ritmo do samba, existem outras variações de surdos como surdo de segunda e terceira, este último responsável por toques de improviso preenchendo espaços vazios; Tamborim instrumento de som agudo tocado com uma baqueta fina é responsável por execuções mais complexas; Repique é um instrumento tocado com uma mão livre e uma baqueta na outra, opera numa região médio-aguda e executa repetições rítmicas; Cavaquinho é um instrumento de cordas pequeno de origem portuguesa, porém no Brasil é que conseguiu grande protagonismo em ambientes como samba e o choro, normalmente possui quatro cordas dedilhadas.

²⁵ **RIO LARGO** programa um roteiro para a folia. **Jornal de Alagoas**, 23 de jan. 1981, p. 5.

²⁶ Grupo show da escola de samba Unidos do Poço, apresentação em comemoração ao Dia do Samba. Praça Gogó da Ema, Ponta Verde, 27 de novembro de 2021.

públicos, responsáveis por promoverem a partir de suas secretarias ou empresas públicas as festividades populares como direito dos cidadãos. Pois há uma constatação óbvia em Maceió de que a vida dos carnavais particulares sempre foi muito bem resolvida. Bastava o menor interesse de algum ou de alguns afortunados, vide os grandes e suntuosos carnavais privados dos clubes, a exemplo do Clube Fênix Alagoana, Iate Clube Pajussara (depois Iate Clube Pajuçara), Clube de Regatas Brasil entre outros.

Prometendo comandar o carnaval de clubes sociais da cidade, o Iate Clube Pajussara, contratou para as festividades consagradas a Rei Momo, a Big Banda Show, do maestro Ivanildo Rafael e o Grupo Kuka Samba, tendo a sua diretoria programada para folia momesca, quatro prévias carnavalescas e seis bailes para o Carnaval/81, propriamente dito. Este ano, com vistas a oferecer uma melhor programação nos seus associados e liderar a folia, superando o êxito dos anos anteriores, os diretores do Iate Clube Pajussara, elaboraram quatro prévias cujo início está marcado para o próximo dia 31 do corrente, às 23:00 horas, intitulado Carnaval é com a Gente. As prévias carnavalescas têm seqüência no dia 7 de fevereiro, com baile Iate comanda a Folia, no dia 14, com a Noite Alvi-verde e no dia 21, com a Noite Tropical. Todas as prévias serão iniciadas às 23:00 horas.

IATE - CARNAVAL/81

Para o tríduo momesco propriamente dito e que por tradição é iniciado no Sábado Gordo - o denominado sábado de Zé Pereira - o Iate Clube Pajussara, promoverá seis grandiosas noitadas, com início no sábado às 24:00 horas, com o Baile do Marujos. Já no domingo a festa será da garotada com o baile Gurilândia na Folia, iniciado às 15:00 horas, como também, está programado o baile Iate no Frevi, iniciado às 24:00 horas. Na segunda feira, os associados serão prestigiados com o baile denominado A Todo Pano, cujo início está previsto para às 24:00 horas. Dois bailes foram programados para a terça feira do Carnaval no Iate Clube Pajussara: o primeiro às 15:00 horas, com Alegria Alegria e à noite, às 24:00 horas o baile Despedida de Momo. Para o acesso do associado às festividades do reinado da folia, a diretoria naquela agremiação elaborou a seguinte tabela de preços: mesa - Cr\$ 8.000,00 individual, Cr\$ 5.000,00. Enquanto isso Iate Clube Pajussara já está elaborando ornamentação de seu salão de bailes, este ano, segundo se anuncia será mais bonito do que no ano passado. (JORNAL DE ALAGOAS, 20 de jan. de 1981, p. 3)²⁷

Na reportagem de Elio Lessa percebemos que para além da óbvia grandiosa produção carnavalesca privada existe uma explícita maneira afirmativa de como o jornal trata as festividades particulares em Maceió. A matéria de Lessa é estritamente um cardápio daquilo que os clubes ofereciam aos seus associados e ao mesmo tempo uma forte propaganda aos leitores e possíveis novos associados “Este ano, com vistas a oferecer uma melhor programação nos seus associados e liderar a folia, superando o êxito dos anos anteriores [...]”²⁸.

²⁷ Segundo a tabela de valores de salário mínimo de 1940 a 2022 realizada pelo site AUDTEC, em novembro de 1980 o salário mínimo era Cr\$ 5.788,80, meses depois, em maio de 1981 após o decreto 85950, passou para Cr\$ 8.464,80. Disponível em: <https://audtecgestao.com.br/capa.asp?infoid=1336> Acesso em: 02 mar. 2023.

²⁸ LESSA, Elio. Carnaval no Iate terá 4 prévias e 6 bailes. **Jornal de Alagoas**, 20 de jan. 1981, p. 3.

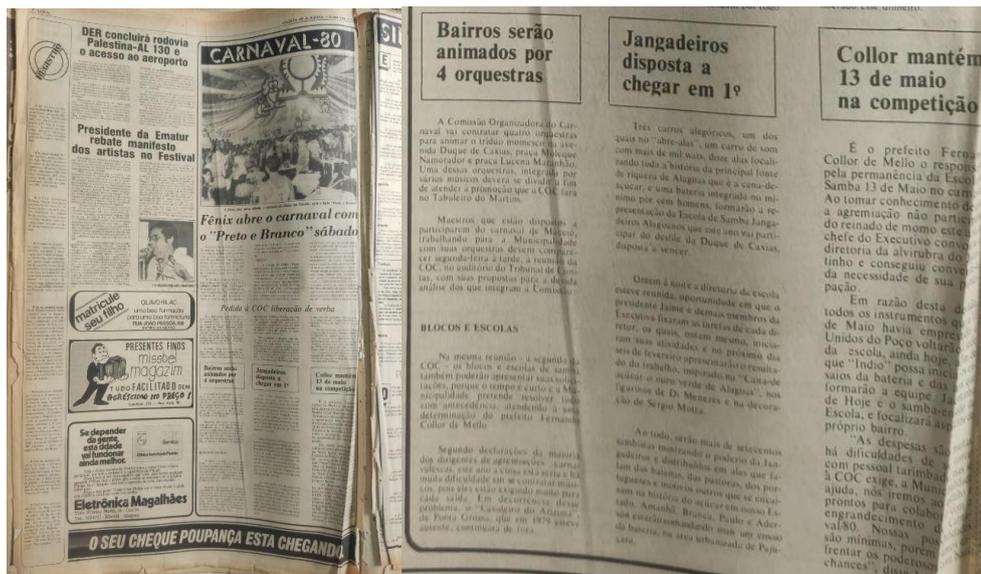
O modo como o Jornal de Alagoas trata os diferentes espaços e promotores do carnaval maceioense não é aleatório ou desprezioso, e está demonstrado não só no tom positivo ou negativo das suas matérias, mas também no detalhamento das informações, nos termos utilizados que sugere o sentido de sucesso “êxito dos anos anteriores” e também na escolha onde essas reportagens devem estar dentro do impresso. É possível perceber em muitas reportagens que trazem notícias referentes às escolas de samba e aos blocos carnavalescos, agremiações que atuam cotidianamente na rua, em que dividem espaço com notícias referente a violência, crimes e outras mazelas sociais.

Na matéria citada acima, do dia 20 de janeiro de 1981, existiam duas informações ao qual o jornal de Alagoas considerou relevante publicar: Uma sobre os suntuosos carnavais privados do Iate Clube Pajussara e outra sobre a falta de recursos que a Escola de Samba Cacique no Samba estava tendo para a realização dos desfiles carnavalescos. Não estranhamente o jornal optou por colocar a notícia-propaganda do Iate Clube Pajussara em destaque na página e conseqüentemente direcionar ao leitor a uma comparação explícita sobre o sucesso dos clubes e a desgraça das escolas e do carnaval das ruas, que mereceu quase nenhum destaque.

Mas então, o que tem acontecido historicamente com o carnaval de rua da cidade de Maceió? Até os anos 1970 e 1980 é possível perceber que Maceió é sem sombra de dúvidas o principal palco do carnaval alagoano. Fato que se expressa de várias maneiras nas fontes do período que evidenciam entre outras coisas a presença de diversos grupos de coco de roda ou de blocos que chegavam a Maceió para apresentações, concursos e disputas. Movimento que efervescia a cidade nos períodos momescos e que não se restringia apenas aos grupos locais. No entanto, esse é um movimento que vai gradualmente deixando de existir.

É extremamente importante apontar que o carnaval de rua de Maceió entre a década de 1970 a 1980 não era o carnaval das praias. Não era o carnaval que se restringia aos espaços dos bairros da Ponta Verde e da Pajuçara como ocorrem no contexto da produção dessa pesquisa. Muito pelo contrário, os carnavais de rua maceioenses eram os carnavais das praças, dos becos, das periferias, das ruas, do centro da cidade e do povo maceioense. E quando pensamos em carnaval das periferias não estamos tratando apenas de onde aconteciam as festas, mas também dos lugares onde se produziam por excelência as danças, os ritmos, os sambas desses carnavais.

IMAGEM 4: bairros maceioenses que receberam apoio da prefeitura no carnaval 1980.



Fonte: Jornal Gazeta de Alagoas²⁹

De acordo com a fonte apresentada, boa parte dos principais carnavais de rua da cidade aconteciam em regiões periféricas, como as tradicionais festas carnavalescas no bairro de Bebedouro, na praça Lucena Maranhão; no bairro da Ponta Grossa, mais especificamente na praça Moleque Namorador e também no bairro do Tabuleiro do Martins. Além de palco dos principais carnavais de rua, bairros como Bebedouro e Ponta Grossa eram berços de tradicionais e importantes escolas de samba e blocos de rua como o Sururu da Nega; o Cavaleiro dos Montes, bloco fundado com a colaboração de Rás Gonguila, símbolo histórico dos carnavais de rua da cidade, e as escola de samba Pau e Pedra do bairro de Bebedouro e já mencionada Império Serrano.

As edições de jornais como o supracitado nos possibilitam entender um pouco sobre como se distribuía e ocorriam os principais pontos dos carnavais de Maceió:

A comissão Organizadora do Carnaval vai contratar quatro orquestras para animar o tríduo momesco na avenida Duque de Caxias, praça Moleque Namorador e praça Lucena Maranhão. Uma dessas orquestras, integrada por vários músicos deverá se dividir a fim de atender à promoção que a COC fará no Tabuleiro do Martins. (Gazeta de Alagoas, 17 de janeiro de 1980, p. 2)

²⁹ **BAIRROS** serão animados por orquestras. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 17 jan. 1980. Brasil, p. 2 – Local.

IMAGEM 5: Praça Moleque Namorador, no bairro de Ponta Grossa, 1980. Zona sul de Maceió.



30

Fonte: Acervo digital do professor de história da UFAL José Roberto.

No Jornal de Alagoas, o colunista Élio Lessa era o principal responsável pelas análises e reportagens voltadas para a questão cultural maceioense e alagoana e, claro, sobre o carnaval:

A “patota” da Ponta Grossa, Coréia, Vergel do Lago e adjacências já está com comichões nas solas dos pés, só de pensar na “frevança” e “sambança” que vai ser na Moleque Namorador, por ocasião do Reinado de Momo que já se avizinha. E mais ainda: o “caldo” agora está mais quente pois todos sabem que o Cavaleiro dos Montes já está se preparando para sair às ruas o carnaval/80 e vai dar o seu primeiro toque de clarim chamando os foliões, lá da Moleque Namorador, quando fará chamamento geral, arrastando até a “cega Dedé” para a folia. Sabemos que a turma não está fria, tendo o “Rochinha” e o Agenor nas tomadas de posições para um bom carnaval na Moleque Namorador, pois como já se dizia: a Lucena Maranhão, não “Lucena Maranhêia”? - Lucena Maranhêia”. Então a Moleque Namorador, também “Moleque Namoradeira”. Tem que “Moleque Namoradeiar”. Pule, dance e cante que o “Nandinho” garante. (JORNAL DE ALAGOAS, 13 de jan. de 1980, p. 2)

A matéria de Lessa remete estritamente aos carnavais de rua de Maceió que estavam diretamente ligados a territórios tradicionais do festejo popular: a praça Lucena Maranhão no bairro de Bebedouro e a praça Moleque Namorador no bairro da Ponta Grossa, na zona sul da cidade. Aliás, é ao carnaval da zona sul de Maceió que o jornalista

³⁰ Fotografia da praça Moleque Namorador no bairro de Ponta Grossa, 1980. A praça foi fundada em 1961 pelo então prefeito Sandoval Caju. A fotografia pertence ao acervo digital do professor José Roberto. Disponível no drive: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VFyNFZL7-MUFPHjNGfWoYfdT8kwqDjdx>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

se refere com ênfase na reportagem e, portanto, percebemos que a vivacidade carnavalesca tomava conta de toda região não se restringindo a um só palco ou a um só bairro: “A “patota” da Ponta Grossa, Coréia, Vergel do Lago e adjacências já está com comichões nas solas dos pés, só de pensar na “frevança” e “sambança”.

Para o historiador e sambista Luiz Antônio Simas (2019)³¹, as ruas devem ser compreendidas para além de vias ou itinerários. As ruas, praças, esquinas são espaços importantíssimos na vida cotidiana das pessoas, onde uma das coisas mais sagradas e de real sentido desses espaços são as trocas, os encontros. São esses encontros, trocas, partilhas que colaboram para a construção dos sujeitos históricos e das coletividades. Ou seja, também constroem sociabilidades. Ao refletir sobre o projeto civilizatório do Brasil que violentou e violenta as identidades afro-brasileiras e as manifestações populares Simas afirmou:

Como o carnavalesco Leandro Vieira sabe e o enredo da Mangueira de 2018 ensinou, ao falar de carnavais como maneiras políticas de ocupar a cidade, e ainda que os dirigentes das escolas de samba pareçam desconhecer o fato, o carnaval é o mais politizado dos folguedos brasileiros. Por aqui a gira de caboclo, a festa de São Jorge, a procissão do padroeiro, os entrudos, corsos, batalhas de confetes e flores, a festa da Penha, as rodas de capoeira, os bailes, blocos, rodas de pernada, ranchos, cordões, grandes sociedades, bailes de mascarados e escolas de samba foram os espaços de invenção da vida no precário e viração da morte em alegria e arte.³²

Portanto se pensarmos no carnaval de rua representado pelos grupos, blocos e escolas de samba pertencentes majoritariamente aos subúrbios e periferias, constatamos que eram e continuam sendo maneiras de ocupar as ruas, e como Simas defende a “invenção da vida no precário”³³, é dar a vida a quem está morrendo ou a quem tem quase nada. Nesse sentido o carnaval é movimento de sentir-se vivo, tão essencial como o ar e o coração, e que tem sido abandonado sistematicamente ao longo das últimas décadas na cidade de Maceió por aqueles que deveriam ser os responsáveis por incentivá-lo e garantir sua existência.

³¹ SIMAS, Luiz Antônio. **O Corpo Encantado Das Ruas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 57.

³² SIMAS, Luiz Antônio. **O Corpo Encantado Das Ruas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 122.

³³ SIMAS, Luiz Antônio. **O Corpo Encantado Das Ruas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 122.

IMAGEM 6: Praça Lucena Maranhão, 2016.



Fonte: Site Correio dos Municípios.

Quando falamos dos carnavais de rua, dos blocos carnavalescos, do coco, dos maracatus, dos cordões, dos ranchos e das escolas de samba estamos tratando de saberes e produções de identidade negra. A partir de Mauro Cordeiro Junior (2019, p. 19)³⁵ entendemos que é importante dizer que as escolas de samba, por exemplo, são originárias e produtos da cultura negra, pois aquilo que parece uma obviedade na realidade não se constata. Para Cordeiro, as escolas de samba são associações comunitárias negras de reunião de pessoas que criam sociabilidades e trazem o elemento territorial fortemente em seus nomes e em suas atuações.

Em Maceió, esse elemento territorial e local também se reflete nos blocos e em escolas como Unidos do Poço, do bairro de mesmo nome e que entre a década de 1970 e 1980 descrevia-se como um dos bairros mais negros da cidade; a Jangadeiros Alagoano do Bairro da Pajuçara e que recebe o nome de uma das suas principais ruas³⁶, posteriormente ainda teríamos a Gaviões da Pajuçara escola fundada só no início dos anos 2000, que também demarca a qual território pertence.

Outro fator importante e destacado ao longo do trabalho para entender as escolas de samba é sua vinculação territorial. Historicamente, as agremiações são associações comunitárias que exprimem laços de solidariedade e sociabilidades locais, além de construírem e reforçarem identidades. As

³⁴ Praça Lucena Maranhão em 2016, depois de revitalizada pela prefeitura de Maceió. A praça era o maior e principal espaço de sociabilização do bairro.

³⁵ JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019.

³⁶ O nome da rua e o nome dado a Escola de Samba fazem referência também a histórica viagem de quatro pescadores que viajaram em uma jangada de Maceió até o Rio de Janeiro, em agosto de 1922.

escolas de samba nasceram e se desenvolveram baseadas em suas vinculações com seus territórios de origem que, muitas delas, carregam no nome.³⁷

As escolas de samba, sem sombra de dúvidas, possuem características híbridas. Mauro Cordeiro Junior (2019, p. 32) em seu estudo sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro percebeu e assinalou isso sobre o desenvolvimento delas. A partir de seu trabalho compreendemos que as escolas de samba são híbridas pois estabeleceram contato entre diferentes culturas incluindo aí as europeias. Os ranchos carnavalescos que antecederam as escolas de samba, por exemplo, negociaram outra maneira de pular o carnaval, rompendo com os cordões que tinham características mais livres e espontâneas e foram adquirindo as alegorias e as estruturas de carros que eram símbolos das grandes sociedades carnavalescas, as pequenas sociedades (os ranchos) também se submeteram a uma forma mais disciplinada de festejar os períodos momescos.

Apesar dessa característica híbrida é importante compreendermos as escolas de samba, especialmente, como originárias e produtos da cultura negra, sobretudo durante o seu processo de desenvolvimento e da invenção de uma identidade nacional brasileira, onde as culturas negras foram excluídas, criminalizadas, embaçadas nesse projeto de nação. Não à toa as escolas de samba são tratadas e lidas como uma representação do mito da democracia racial, onde as pessoas nessas escolas produzem o Brasil mestiço.

Gilberto Freyre, que foi um dos principais intelectuais da ideia de mestiçagem, ajudou a criar, durante esse processo de invenção da nacionalidade brasileira, a mestiçagem como identidade singular do país.³⁸ Ou seja, se durante o Brasil monárquico e escravocrata a mestiçagem era vista como um problema, nos primeiros anos do Brasil republicano ela passou a ser vista como fator singular e de diferenciação em relação aos demais países do mundo.

Para Mauro Cordeiro Júnior, a ideia de mestiçagem criou no Brasil aquilo que se denominou cultura popular e não de cultura negra. Ou melhor dizendo, foi o apagamento da cultura negra no país: “Dizer que o samba é produto da cultura popular brasileira e não

³⁷ JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019.

³⁸ FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

da cultura negra é silenciar o debate racial. É retirar o elemento de luta e de resistência negra no Brasil?”.³⁹

É nesse processo de invenção da brasilidade, por um projeto político antipopular, cis heteronormativo, antinegros, autoritário e disciplinador que ocorreu uma série de violências contra as culturas negras, incluindo a própria domesticação do carnaval e dos corpos negros representados fortemente nas escolas de samba. Ao mesmo tempo, esse projeto buscou retirar o elemento de pertencimento, de sentido e de mobilização da vida de sujeitos negros em relação às suas origens e às suas coletividades. Se Mauro Cordeiro Junior está certo e as escolas de samba são de fato associações de negros, então o sentido de uma escola de samba, associação ou de qualquer coletivo de negros e negras é a sua capacidade de mobilizar sociabilidades e afetos que fortalecem territórios, identidades e, portanto, a sua própria existência.

No entanto, essas associações em Maceió foram enfraquecendo no cenário carnavalesco ou o carnaval foi enfraquecendo junto às escolas de samba. Combatidos pelo Estado brasileiro em grande parte do século XX, esse projeto autoritário, disciplinador e antipopular e de silenciamento da negritude, talvez seja o principal fator de no início virada da década de 1970 para 1980 essas produções ou maneiras de existir e se organizar ainda sofrerem violências e abandonos, e tais práticas serem vistas socialmente com bastante naturalidade, principalmente perante o poder público, haja vista que vivíamos um período de poucas liberdades para se dizer o que queria ou reivindicar o que se necessitava.

Mas essas violências nos ajudam a entender como o carnaval de rua maceioense tem sido afetado e enfraquecido? Como as escolas de samba se inserem nesse contexto? No Brasil existem muitas formas de violência contra aquilo que é de identidades negras, e em Alagoas isso parece ter sido bastante intenso. No lugar onde historicamente poucas famílias controlam a totalidade da política, da economia e dos meios de comunicação, houve muitas maneiras de violentar e abafar o som, o corpo e o coração das negritudes alagoanas, sobretudo naquele contexto de ditadura, ainda que em processo de fim do regime e transição para democracia.

³⁹ JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. O Negro no Carnaval. (Parte 1/2). [S.i.S.n.], 17 março 2021. 1 VIDEO (2h 1m). **Blog Ouro de Tolo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kVAbewPNWps&t=6381s>. Acesso em: 12 jun. 2021.

CAPÍTULO II

Escolas de samba no contexto da ditadura militar e da transição autoritária em Alagoas: repressão, contradições e reinvenção

2.1 A violência da rua à academia: Maceió que correspondia à Ditadura

Como vimos, as escolas de samba em Maceió, organizadas de modo mais “profissional” permeiam os carnavais e a vida de Maceió, no mínimo, desde a década de 1950. Desde então, as escolas de samba têm construído fortes relações comunitárias que ultrapassam a festa e o carnaval. Essas escolas mobilizadas principalmente por sentimento coletivo atuam cotidianamente nas comunidades, na cidade e também fora dela, estabelecem relações com outros grupos culturais e por fim, mas não sendo sua função primordial, concorrem a concursos carnavalescos e atuam nas festividades populares.

Ao longo do tempo, a vida e a afinação dessas escolas couberam tão somente à força que suas comunidades empregavam para tal. Mesmo em relação aos incentivos públicos de fomento à cultura popular e local só foram possíveis pelas próprias mobilizações coletivas. Muitas escolas foram extintas nesse percurso, a exemplo das Escolas de samba Pau e Pedra, Circulista, Cacique do Samba e Império Serrano; outras surgiram, como as Escolas de samba Gaviões da Pajuçara; Girassol, do Vergel do Lago entre outras. Ademais algumas cortam o tempo e mantêm-se vivas e atuantes, como é o caso da Unidos do Poço, a nossa escola mais longeva e da Escola de Samba 13 de maio, do bairro do Jacintinho.

Essas associações negras no Brasil e em Alagoas, de modo geral, estiveram sempre sob suspeição e sob o uso contínuo de violências empregadas pelos poderes públicos em vários momentos de nossa história e, em especial, de nossa experiência republicana. Sempre relacionadas com elementos negativos como atrasados, contraventores, criminosos, conspiratórios e suspeitos perante a ordem e o tal progresso brasileiro. A historiadora Raquel Soihet (1998) ao debruçar-se por esse processo do início da república brasileira afirmou

Mas esse era o momento de instauração plena do capitalismo no Brasil, quando a classe dominante passava a ter como alvo principal ajustar os segmentos populares a nova ordem em que o trabalho livre se instaura. Tornava-se necessário canalizar todas as energias dos populares para essa atividade, por isso, procurava-se incentivar neles valores e formas de comportamento que passassem pela disciplinação rígida do espaço e do tempo de trabalho, estendendo-se ainda a todas as esferas da vida, vigiando-se lhes a rua, as formas de religiosidade e o lazer. a frequência dos populares as referidas festas,

nas quais abundavam comida, bebida e jogos, numa atmosfera de constante lazer, constituiria um empecilho ao objetivo visado.⁴⁰

Durante o Estado Novo varguista, as escolas de samba, os compositores e as produções culturais negras, já em seu processo de consolidação profissional conviveram com outras experiências de violência. Esse período autoritário varguista corresponde ao momento em que as escolas de samba do Rio de Janeiro passaram a ser utilizadas, pelo governo, como instrumento dos ideais nacionais e modernizadores de uma sociedade que engatinhava sua industrialização e, portanto, exigia dos trabalhadores sua total inclinação ao trabalho e à produção capitalista

Durante o Estado Novo, DIP o (departamento de Imprensa e Propaganda), considerando que havia um excesso de sambas fazendo apologia da malandragem, pressionou os compositores para que adotassem temas de exaltação ao trabalho e a execração da Boemia. Daí resultaria uma safra de sambas descrevendo personagens bem comportados, alguns até ex malandros convertidos em ordeiros operários. Foi flagrante a mudança. Os sambas passaram a elogiar o trabalho não sobrando espaço para a malandragem. Um exemplo interessante é o samba bonde de São Januário, de Ataulfo Alves e Wilson Batista, que em sua versão original dizia: 'Quem trabalha não tem razão, eu digo não tenho medo de errar. O bonde de São Januário leva mais um otário, sou eu quem vou trabalhar'. Após a 'solicitação' do DIP, surge uma variante.⁴¹

Mesmo após o Estado Novo e num suposto período de redemocratização, a vigilância relacionada às culturas negras e populares esteve vigorando absoluta no país, mesmo num contexto de eventos televisionados a partir da década de 1950 e 1960. Tamara Cruz (2010)⁴² em um estudo de fôlego sobre a censura contra as escolas de samba observa isso precisamente:

Apresentações de escola de samba no exterior, desfiles televisionados e a adesão cada vez maior das camadas médias são exemplos importantes do quanto as agremiações carnavalescas vinham, a cada década, se consolidando enquanto manifestações culturais com pretensão de representar a cultura popular nacional. Tamanha repercussão dos desfiles das escolas de samba teria refletido, segundo o jornalista Sérgio Cabral, em questões de cunho diplomático entre Brasil e Paraguai devido ao enredo escolhido para o carnaval de 1960 pelo Império Serrano (intitulado Retirada da Laguna, referindo-se à Guerra Brasil – Paraguai), que 'fazia referências nada lisonjeiras ao herói nacional do país vizinho, Solano Lopes, tratado como ditador' 27. De um lado, a escola de samba Império Serrano havia investido recursos na elaboração do enredo (fantasias, adereços, alegorias, etc), de outro estava a OPA (Operação

⁴⁰ SOIHET, Raquel. **A Subversão pelo Riso**. 1ª Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pág. 26, 27.

⁴¹ SOIHET, Raquel. **A Subversão pelo Riso**. 1ª Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pág. 108.

⁴² CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História da UFF-Niterói. Rio de Janeiro, 2010.

Pan-Americana) de iniciativa do presidente Juscelino Kubitschek 'para estabelecer uma política de união entre os países da América Latina'.⁴³

Para a historiadora Tamara Cruz o uso da violência a partir da vigilância e da censura contra essas associações tomou outros sentidos depois do golpe militar de 1964

Para as polícias políticas, a principal diferença e mudança, neste momento é que antes de 1964 o foco era a manutenção da ordem e o controle sobre as diversões públicas, além de as escolas de samba servirem de propaganda ao projeto nacionalista (varguista). Após o golpe e durante o regime militar não bastava manter a ordem, era preciso combater a “infiltração” dos ideais comunistas entre a população, incluindo-se nas manifestações culturais populares, como as escolas de samba, pois concentrarem grande número de pessoas (trabalhadores, possíveis membros de sindicatos e células “subversivas”). Além de terem divulgação na mídia (rádio, imprensa e TV). Era então, preciso “vigiar” a “infiltração” comunista e a ação subversiva entre sambistas e escolas, tendo em vista a tradicional aproximação destas com o PCB.⁴⁴

O exercício da censura e da vigilância pela ditadura militar legitimados por parte da sociedade civil e setores empresariais em todas as partes do Brasil estabeleceu forte controle sobre o país. Em Alagoas isso ocorreu de maneira intensa. No estado alagoano de forte tradição conservadora e de grande concentração de renda entre poucas famílias donas de meios de produção e comunicação, existiu grandes atuações por parte de intelectuais, industriais e políticos no fomento a um pensamento muito limitado sobre o que seria cultura, por exemplo. A Academia Alagoana de Cultura foi uma instituição que demonstrou muitas afinidades com o regime militar e prestava homenagens aos ditadores da república:

O presidente da Academia Alagoana de Cultura Dr. Fernando Medeiros recebeu o telegrama do embaixador Jorge Carlos Ribeiro cerimonial da presidência da república comunicando o reconhecimento de sua excelência o Presidente João Figueiredo a outorga do título desta Academia, "honoris causa", de Presidente honorário da novel identidade cultural de Alagoas. O respectivo diploma de Presidente honorário da Academia Alagoana de Cultura será entregue ao presidente da república por intermédio daquele cerimonial no Palácio do Planalto, por uma representação especial de Alagoas e desta Academia, presidida pelo Dr. Fernando Medeiros, em data a ser fixada em breve. Alagoas está, portanto, de parabéns e orgulhosa de receber através da Academia Alagoana de Cultura a mais alta autoridade do país como Presidente honorário desta agremiação que só honra e prestígio está promovendo para Terra dos Marechais. É o seguinte teor do citado telegrama: 'Fernando Medeiros, presidente Academia Alagoana de Cultura em resposta of-resolução 66/79 VG incumbiu-me o senhor presidente da república de

⁴³ CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, pág. 25.

⁴⁴ CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, pág. 26

transmitir a vossa senhoria o seu reconhecimento a homenagem prestada pela academia Alagoana de Cultura outorgando título "Honoris causa" de Presidente Honorário dessa agremiação cultural [...].⁴⁵

A matéria veiculada pelo Jornal de Alagoas em 13 de janeiro de 1980 versava sobre uma homenagem da Academia de Cultura do estado para o então ditador brasileiro, o general João Figueiredo, que governou o país de 1979 a 1985, não por acaso período de nosso recorte temporal. No entanto, para além desta constatação, é fundamental perceber o posicionamento do impresso sobre aspectos de apoio ao movimento feito pela Academia Alagoana de Cultura “Alagoas está, portanto de parabéns e orgulhosa de receber através da Academia Alagoana de Cultura a mais alta autoridade do país [...] que só honra e prestígio está promovendo para Terra dos Marechais”. Instituições como as Academias de Cultura espalhadas pelo país são normalmente espaços muito restritos a sujeitos abastados, intelectuais, folcloristas, médicos e juristas. Ou seja, um conjunto de personalidades que enxergavam as culturas populares por um aspecto do fetiche, da objetificação, da passividade.

Essas entidades possuíam, ao menos nesse período, uma forte influência sobre o modo de pensar, interpretar e também construir identidades. Vejamos, a própria concepção de “Terra dos Marechais” foi a tentativa, que deu certo, onde se valorizava o culto aos “heróis nacionais”, cujo eram personalidades que não possuíam qualquer relação com o povo e com aqueles que foram historicamente excluídos na história do Brasil e de Alagoas. Novamente, em aprovação a um regime autoritário e aos detentores da política e da economia, a entidade com aval do jornal de maior veiculação no período contribuía para a normalização do autoritarismo e da exclusão, que inevitavelmente se intensificou sobre as populações negras alagoana e maceioense.

Esse contexto de ditadura militar em Alagoas não só tinha o apoio da grande imprensa local no sentido da valorização do pensamento dominante e do regime autoritário sobre os excluídos, como também de apoio ao *modus operandi* utilizado pelas forças armadas e policiais quando o assunto era o tratamento dado aos carnavais de rua, às culturas populares, aos povos tradicionais e aos trabalhadores de uma maneira geral, que sempre estiveram sob suspeita policial, ainda que num momento de transição autoritária para a redemocratização:

⁴⁵ **ACADEMIA** Alagoana entrega título ao João Figueiredo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 13 jan. 1980, Brasil. p. A-2.

É gratificante para a população de Maceió a notícia de que a vigilância policial será redobrada com o aumento dos contingentes guardados nas ruas naturalmente cobrindo e disciplinando a área de segurança individual e coletiva, dentre os esquemas traçados em conjunto com a Secretaria de Segurança Pública e o Comando da polícia militar, evitando-se, assim, as distorções e desentendimentos que se verificam no Rio. Aliás, diga-se de passagem, o policiamento nesta cidade tem correspondido às exigências da sociedade, sem excessos, nem demonstrações de intimidação, mas sobretudo, de caráter discretamente preventivo.

A repressão à criminalidade e marginalidade em todas as suas manifestações como repressão ao roubo ou furto, ao vício, a vadiagem e todas as formas de transgressão penal. São da alçada da Polícia Civil bem aparelhada pela ação dinâmica e eficiente do Coronel José de Azevedo Amaral, que deu de fato, nova dimensão e responsabilidade profissional aos órgãos subordinados a sua pasta, hoje um complexo de eficiência centralizado no antigo Campus Tamandaré e com pessoal cujo nível técnico, de comportamento social e humano tem melhorado grandemente. A fiscalização das ruas, praças públicas e a vigilância coletiva ficando sob responsabilidade da PM, cujas turmas do batalhão de policiamento ostensivo cobre bem os quadrantes de Maceió, mantendo-se em estado de alerta contra marginais, principalmente os que acoitados pela polícia de outros estados aqui fazem escala, em esconderijos no Jacintinho, Ouricuri, favelas da periferia, zonas de meretrício, etc.

Dentro deste quadro já delineado da preservação da segurança pública e individual em Maceió, temos agora a Operação Presença, já em funcionamento nos bairros praças e ruas, sendo hoje a Praça Deodoro o maior antro de desocupados, viciados, meretrizes, afora a balbúrdia que fazem os camelôs, pontificando inclusive, índios de origem duvidosa, vendendo apetrechos tribais ou então falsos orixás da Bahia, com patuás, figas de guiné, búzios, fitinhas do Bonfim, curandeiros e etc.

Não sendo Maceió uma cidade problema no Nordeste, em quesito dos roubos, assaltos, latrocínios, estupros e agressões como Recife e Salvador, nada melhor prevenir do que remediar mantendo a distância dos transgressores, como já está ocorrendo em nosso interior, com assaltos nas estradas e fazendas haja visto a ousadia do ocorrido recentemente em Palmeira dos Índios, sabendo-se que são bandos perseguidos do Rio e de São Paulo que estão se deslocando para o Nordeste.

Confia-se, portanto, no êxito da Operação Presença, que não se restringirá no perímetro urbano, mas atuará na Jatiúca na rodovia Divaldo Suruagy, no Ouricuri na Avenida Duque de Caxias, as portas dos colégios, cinemas, teatros, campos de futebol, artérias comerciais e residenciais. É que estando bem coordenados o Cel. Amaral e o Comandante José de Almeida, na distribuição do policiamento em Maceió, disso tirará bons proveitos a população, na certeza de que terá a segurança necessária a que possa transitar com tranquilidade nas ruas e logradouros públicos. (JORNAL DE HOJE, 2 de fev, 1981. p. 4.)

Os comentários supracitados pertencem a uma coluna diária do Jornal de Hoje, veiculada em 2 de fevereiro de 1981, o texto que não foi assinado por nenhum jornalista nos sugere, portanto, que essa seria a posição do Jornal sobre o tema. Os textos recorrentes nas páginas de nº4 do jornal diário revelavam opiniões sobre aspectos da cidade, em sua maioria assuntos pertinentes às pessoas mais pobres, as favelas, os bairros e as políticas públicas realizadas pela prefeitura de Maceió.

No texto mencionado é abordado um assunto sobre a atuação da polícia e sobre como a polícia deveria atuar naqueles que eram os dias prévios do carnaval maceioense

de 1981. Entre muitas coisas importantes, o texto aponta uma posição muito clara de exaltação ao conjunto das forças de segurança do estado alagoano. O tom dos comentários sugere que a polícia correspondia “às exigências da sociedade” e disciplinava áreas onde atuava. Mas então, que sociedade era esta que exigia e aprovava a postura das forças de repressão?

Com certeza essa sociedade ao qual o jornal se referia não parecia ser aquela dos bairros periféricos e negros da cidade como Jacintinho, Ouricuri e favelas da cidade. Afinal esses territórios eram lidos pelo jornal como espaços onde se acolhiam criminosos e marginais, servindo de “esconderijo” e de “zonas de meretrício”.

É importante apontar que a matéria ao relacionar as áreas periféricas da cidade, onde se tinha uma forte presença de trabalhadores e uma rica produção cultural, com a criminalidade e a prostituição tentava descredibilizar as comunidades e associa-las a mazelas sociais, negligenciando completamente as potencialidades humanas e culturais dos moradores daqueles territórios, ao tempo que reforçava o pensamento dominante e repressor que legitimava as violências praticadas pelas polícias e por outras forças de segurança.

Curioso também é que o jornal já iniciava uma defesa às forças de repressão ainda no primeiro parágrafo, quando afirmou “sem excessos, nem demonstração de intimidação”, e em seguida nos revelava a naturalização da repressão policial no período declarando nitidamente quem eram os suspeitos e perigos na sociedade maceioense: camelôs, indígenas, pessoas ligadas as religiões de matrizes africanas, curandeiros, e símbolos religiosos que não correspondia aos dogmas cristãos e conservadores que marcou grande parte da moral da ditadura militar, mas que em Alagoas sempre esteve normalizado.

Naquele momento de transição para a democracia e pós ditadura também foi o período onde o uso da violência aos negros e trabalhadores manteve-se intensamente, sobretudo durante o carnaval:

Com a vitória em primeiro lugar, da Escola de samba Unidos do Poço, e do Bloco Sai da frente, transcorreu domingo último na praia da Avenida o tradicional 'banho de mar à fantasia'. Contou com a participação de centenas de foliões e foi apreciado por milhares de maceioenses [...].

Um dos acontecimentos que deixou descontentes os foliões, quebrando o ritmo da alegria contagiante foi a brusca e forçada passagem de um opala da Polícia Civil no meio do aglomerado de pessoas que pulavam na Avenida.⁴⁶

⁴⁶ **BANHO** de Mar foi grande prévia do carnaval de 79. **Jornal de Alagoas**, 20 de fev, 1979, p.1.

Vale ressaltar que além do comportamento hostil às festividades populares por parte das polícias, também houve atuação ostensiva das Forças Armadas nas ruas de Maceió. Raquel Soihet (1998)⁴⁷ observou que a utilização das Forças Armadas nas ruas e nas festividades populares estão presentes no Brasil desde o pós-abolição e o início da República. Portanto, o uso da violência física não foi uma exclusividade do período histórico da ditadura militar, contudo é durante esse regime que essas práticas foram legitimadas pela ideia de segurança nacional.

Na matéria a seguir, destaque para a Maceió, em pleno ano de 1979, que seria marcado pela aprovação da Anistia e a volta dos exilados políticos:

Os festejos pré-carnavalescos ocorridos na capital, segundo as autoridades policiais, foram um dos mais calmos e sem maiores problemas no que diz respeito à delinquência. Na Praça Moleque Namorador, 'Quartel General do Frevo', contando com as presenças da Polícia Militar, Exército, Marinha além da Polícia Civil.

A festa prolongou-se até às 2:30hrs, sendo detidos apenas dez foliões. Nove entraram no xadrez procedentes das ruas da capital [...]

Eram ainda 18 horas de sábado e a rapaziada já pulava na Praça Moleque Namorador, através de um serviço de alto-falantes. As horas foram se passando e aproximadamente às 19:30, a Polícia Militar e do Exército, depois de entrar em contato com os agentes da Terceira Distrital, formaram em volta do 'Quartel do Frevo'. Era aberta a tão esperada maratona carnavalesca.

Entre os inúmeros foliões, pulavam os que para ali dirigiram-se apenas com as segundas intenções. O que eles queriam era, na realidade, perturbar a paz. Uma a um, os dez desordeiros foram levados para o 'pote' do Terceiro Distrito. Os dois pequenos xadrez e ficaram abarrotados e abriram as suas portas os elementos Roberto Vieira Santos, 22 anos, residente em Bebedouro; Valdeci Leite da Silva, 19 anos, rua da Palma, Vergel do Lago; José Roberto dos Santos, 19 anos, Rua da Palma, Vergel. Manoel dos Santos Filho, 25 anos, rua da Mangueira, Bebedouro; Paulo Xavier da Silva, 27 anos, rua do Meio, Bebedouro; José Farias de Lima, 18 anos, rua das Amendoeiras, Ponta Verde; Carmen Lúcia de Oliveira, 22 anos, sem residência fixa; Gabriel Oliveira Silva, 33 anos, rua da Queimada, Alto do Céu; Benedito Francisco, 27 anos, rua Cláudio Manoel e Benedito dos Santos Oliveira, residente no Brejal. Todos os detidos foram liberados na manhã de ontem⁴⁸.

A matéria veiculada pelo Jornal de Alagoas em fevereiro de 1979 expressava muitos elementos de Maceió em contexto de ditadura militar. O texto informava que várias regiões tradicionais do carnaval de rua maceioense receberam forte esquema de segurança. Antes de qualquer coisa é preciso notar que a presença das Forças Armadas em Maceió também era a de função policial, o deslocamento dessas forças para o serviço policial foi uma das características do regime militar para a garantia da repressão na capital alagoana.

⁴⁷ SOIHET, Raquel. A Subversão pelo Riso. 1ª Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 29, 30.

⁴⁸ **TRINTA** e três prisões ocorreram na maratona do pré-carnavalesco. **Jornal de Alagoas**, 20 de fev. 1979. p. A-10.

É interessante notar que a reportagem traz tão somente a visão das forças de segurança sobre a prisão de vários jovens residentes, na grande maioria, de bairros periféricos da cidade. Igualmente associando todas as prisões à “delinquência”, à desordem, e por isso acabaram no “pote” da delegacia de polícia. Onde estão as versões desses jovens? Eles de fato estavam causando problemas para o conjunto dos eventos? o que exatamente eles estavam fazendo? Quem eram esses jovens? Por que o jornal divulgava suas identidades de maneira tão expositiva, com dados inclusive de onde eram suas casas. Por acaso a grande maioria eram negros? Essas eram respostas e versões quase impossíveis de se obter durante a ditadura militar, mas conseguimos ter uma ideia, baseados no processo histórico brasileiro e alagoano - além das práticas de violências ao conjunto das comunidades negras e populares - de quais tipos de pessoas estamos nos referindo.

A Censura e a vigilância sob as regiões periféricas, as populações negras da cidade e a qualquer associação negra existiu em Alagoas em todo o período da ditadura militar e mesmo no processo de fim do regime. Para se ter ideia da presença dessa vigilância e de como os procedimentos dos serviços de inteligência e segurança da ditadura militar prevaleceu na reabertura política cabe aqui evidenciar o dossiê produzido por estes em agosto de 1985. Momento em que a Presidência da República já estava sob a liderança de José Sarney.

Apesar da inexistência da denominação MNU no Estado, é intensa a mobilização dos negros, coordenado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Alagoas (NEAB/ UFAL) e pela Associação Cultural Zumbi, entidades presididas por ZEZITO ARAÚJO. Os eventos organizados por essas instituições contam, basicamente, com apoio do PCB, PC do B e MR-8.⁴⁹

Se tratava de um documento com quase dez páginas em que era relatado onde e como se davam as atuações dos movimentos negros no Brasil, o documento produzido tinha um foco central no MNU - Movimento Negro Unificado. No entanto, não se limitou à vigilância apenas nas cidades onde abertamente tinham sedes do movimento. O dossiê relatava estados e cidades onde existiriam atividades suspeitas desse movimento negro. Entre esses lugares apareceu algumas entidades alagoanas que historicamente se organizou em volta do combate irrestrito ao racismo em Alagoas. Entre elas o NEAB -

⁴⁹ AC ACE CNF 050924/85 Fundo SNI. Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) p. 7. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/G. Acesso em: 10 de mai. 2023.

Núcleo de Estudos Afro-brasileiro, ligado à Universidade Federal de Alagoas e o professor do curso de história da UFAL Zezito Araújo.

Ainda que essas entidades negras não tivessem qualquer ligação com grupos e partidos de esquerda, era estratégico relacioná-los aos comunistas, uma vez que as bases fundamentais do golpe de 1964 e da ditadura militar foi o combate à esquerda política, sejam eles moderados ou radicais, como o grupo MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro). Esse documento foi produzido num contexto onde o MNU solicitou uma reunião com o ministro das relações exteriores para tratar de assuntos pertinentes às políticas entre Brasil e África do Sul - vale ressaltar que ainda nesse período a África do Sul vivia sob um regime autoritário e segregacionista, o *Apartheid*. A resposta do governo foi a produção de um documento que repassasse informações para aquele ministério.

Esse contexto de ditadura militar favoreceu, por se tratar de um período onde o autoritarismo e a verticalidade na política era muito intenso, a exclusão das culturas populares e negras, a corpos e culturas vigiadas e controladas onde estavam sempre relacionadas com a vadiagem, os roubos, a subversão e inclusive aos comunistas, como vimos. Nesse sentido a experiência autoritária contribuiu imensamente para uma ideia de uma Maceió controlada aos moldes elitistas, conseqüentemente facilitando a invenção de uma cidade que atendesse aos projetos políticos e econômicos das elites e invisibilizando, em alguns casos, seus aspectos mais populares e negros.

2.2 Escolas de samba: acomodação, adesão ou resistência?

Em trabalho desenvolvido em meio ao avanço da extrema direita no Brasil no contexto das eleições de 2018, o professor e historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2021) provocado pelas manipulações ideológicas, pela falsa narrativa de golpes comunistas, incluindo manifestações de apoio aos ditadores militares e a tortura elaborou um trabalho de fôlego sobre como esses discursos e práticas não são uma novidade no país e como a ausência de julgamento dos responsáveis pelas violências de estado na transição contribuiu para que a memória da ditadura militar não revelasse suas características mais perversas. Em Alagoas, como vimos, não era estranho as demonstrações de culto aos militares e de omissão ou aprovação sobre as violências contra os mais pobres e as populações negras.

Em seu trabalho, Motta nos apresenta algumas categorias de análise que contribui para um maior entendimento da ditadura militar com relação a atuação da sociedade civil no período e suas diferentes maneiras de lidar com o regime autoritário.

No caso das atitudes em relação à Ditadura Militar Brasileira, as propostas de classificação devem considerar igualmente um quadro complexo, em que muitos agentes não resistiram nem aderiram, mas buscaram formas de acomodação e convivência com o sistema autoritário. Daí a nossa proposta de operar com esses três tipos básicos: resistência, adesão e acomodação. Naturalmente, algumas pessoas e instituições promoveram ações classificáveis em dois ou mesmo nos três tipos, em momentos diferentes ou simultaneamente - retirando que havia também os diferentes e os excluídos.⁵⁰

Como sabemos as escolas de samba tiveram que se reinventar ao longo do tempo na história do Brasil, quando olhamos para as escolas de samba de Maceió percebemos que a situação e as experiências nessa cidade são subitamente intrigantes. No contexto de avanço da extrema direita no país desde 2018, Maceió foi a única capital do Nordeste com adesão política a figuras como Jair Bolsonaro e outros políticos locais representantes de uma agenda ultra conservadora⁵¹. De acordo com o levantamento do Atlas da violência produzido pelo IPEA em 2019, Alagoas era o 4º estado com a maior taxa de homicídios de jovens negros. Maceió também possui historicamente uma forte presença de militares na política e em pastas públicas, principalmente durante a ditadura militar, a exemplo do secretário de Promoções e Esportes Mário Guerra, oficial do Exército e líder da pasta que era responsável pela organização do carnaval e repassasse financeiros para as escolas de samba em 1981.⁵²

Foi nessa Maceió fortemente conservadora e vigiada que as escolas de samba e outras associações negras precisaram se reinventar e, portanto, cabe aqui alguns parênteses sobre algumas dessas categorias de análises propostas por Rodrigo Patto Motta para percebermos as complexas atuações dessas agremiações durante o regime. Afinal, elas aderiram à ditadura militar? Acomodaram-se? Ou Resistiram? o historiador sugere que a adesão ao regime aconteceu em vários âmbitos da sociedade, entre eles no âmbito cultural:

Vale a pena fazer o registro, pois há quem pense que nessa área houve somente resistência. Nomes importantes como Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz e Adonias Filho, que tinham acesso às altas esferas do poder e ajudaram na

⁵⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados e Presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar**. 2021. 1º ed. Rio de Janeiro. Zahar. pág. 152.

⁵¹ Farias, Michelle. Maceió é de novo a única capital do Nordeste em que Bolsonaro teve maioria dos votos. **G1 AL**. Acesso em 10 de dezembro de 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/al/alagoas/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/maceio-e-a-unica-capital-do-nordeste-em-que-bolsonaro-teve-maioria-dos-votos-no-2o-turno.ghtml>

⁵² Motta, Ricardo. Morre em São Paulo ex-secretário de Kátia Born. TNH1. acesso em 20 de abril. <https://blog.tnh1.com.br/ricardomota/2010/05/06/morre-em-sao-paulo-ex-secretario-de-katia-born/>

construção da política cultural do regime militar, junto a outras figuras do mundo intelectual, eles ocuparam assento no Conselho Federal de Cultura, órgão criado no final do governo do general Castelo Branco.

Aproximando esse movimento de capitulação ao regime militar para o chão das escolas de samba, Tamara Cruz (2010) observa que algumas escolas de samba que possuem grande prestígio nacionalmente, tiveram suas bases assentadas durante a ditadura militar e sob a administração de bicheiros. Foi o caso da Beija Flor de Nilópolis, que inaugurou a relação das escolas de samba aos contraventores.

A atuação do jogo do bicho era tão marcante nesta escola, que apesar de vigorar a proibição aos ‘jogos de azar’ no país, a agremiação de Nilópolis tornou-se campeã do carnaval de 1976 com o enredo ‘Sonhar com rei dá leão’, em uma explícita alusão ao Jogo do Bicho. Com a conquista do título nos dois anos seguintes (1977 e 1978), a Beija-Flor foi o abre-alas redação truncada ‘para que outras agremiações – Imperatriz Leopoldinense, Mocidade Independente de Padre Miguel -, também financiadas por banqueiros do bicho, seguindo o estilo inaugurado por ela [Beijo- Flor], ganhassem os carnavais seguintes’.⁵³

Em Alagoas os bicheiros pareciam se manter bem longe das escolas de samba e o que foi possível identificar nesta pesquisa, ao menos entre 1979 e 1985, é que a polícia possuía uma tática de perseguição aos banqueiros do bicho: “Bicheiro Chefe está sendo procurado pelos homens do Coronel Estevam” (Jornal de Alagoas, 17 de jan. 1979, p. 3), “Jogo de bicho está na mira da polícia” (Jornal de Alagoas, 12 de jan. 1979, p. 4).

No que tange às escolas de samba maceioenses vale apontar que algumas delas já estavam inseridas numa lógica de controle e vigilância muito antes da instauração da ditadura militar no país e, inegavelmente, estavam dentro das bases de uma moral cristã e anticomunista, afinal, o anticomunismo presente em todo Brasil permeia-se desde as Revolução Russa e dos movimentos de esquerda da década de 1930. É o caso da Escola de Samba Circulista, já mencionada anteriormente, e que era ligada ao Círculo Operário de Maceió.

Os círculos operários foram entidades conectadas às alas mais conservadoras da Igreja Católica no Brasil, que por sua vez criou essas associações como alternativa à organização dos trabalhadores junto à esquerda e de combate ao comunismo. Em Maceió, o bairro de Ponta Grossa, zona sul da cidade, sediou um dos principais núcleos desse Círculo que possuía forte atuação na comunidade. O Círculo Operário de Maceió oferecia

⁵³ CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010. p. 42.

a seus associados, por exemplo, assistência educacional, médico-farmacêutica, religiosa, cursos de corte e costura para as mulheres e a realização de festividades ligadas ao calendário católico.⁵⁴

IMAGEM 7: Escola de Samba Circulista em desfile na rua por volta de 1950.



FONTE: Acervo da Cúria, pasta 2 - Círculo Operário

É curioso pensar que desde 1950, ou até antes, os bairros de Maceió, as periferias e os trabalhadores de maneira geral já estivessem convivendo com uma forte intervenção da Igreja e do Estado, como já discorrido por aqui, sob a caça ao comunismo. Entre outras coisas, isso pode nos ajudar a entender como Maceió normalizou muitas práticas violentas e repressoras em relação a tudo aquilo que é considerado subversivo, criminoso, marginal e contribuiu para uma histórica agenda de falta de políticas públicas voltadas aos menos favorecidos economicamente.

De outro modo é interessante pensar como os trabalhadores e as comunidades negociaram mesmo dentro dessa estrutura conservadora a fundação de uma escola de samba. Ainda que essa escola tivesse algumas características distintas das tradicionais agremiações, sobretudo durante o carnaval - período de festividades profanas, que no Brasil está associado ao calendário cristão católico.⁵⁵ De todo modo, a Circulista mobilizou não somente os carnavais da cidade, como também a própria comunidade da Ponta Grossa e as regiões circunvizinhas. Ora, um dos seus principais líderes foi o

⁵⁴ Círculo Operário. **Acervo da Cúria**, pasta 2.

⁵⁵ LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 54-55.

histórico Rás Gonguila, nome máximo dos carnavais maceioenses⁵⁶ e que também era ligado ao bloco Cavaleiro dos Montes.⁵⁷

Quando olhamos para outras escolas tradicionais da cidade durante a ditadura militar notamos que mesmo não surgindo de entidades religiosas ou não sendo ligadas a essas tiveram uma atuação pouco contrária ao regime militar, aliás contribuía para a normalização do pensamento das elites alagoanas e das atividades econômicas que vilipendiou os mais pobres, os negros e os trabalhadores nessa região do país.

A partir desta semana a escola de samba Jangadeiros alagoanos reiniciará seus ensaios na orla marítima da nova Pajuçara a fim de sua participação no carnaval 80. Quando desfilará na passarela da Avenida Duque de Caxias com seus figurantes, seu samba enredo e seus carros alegóricos. Segundo afirmou o presidente Jaime Seixas da Jangadeiros Alagoanos toda a bateria pesada da agremiação já está em ‘ponto de bala’ esperando-se apenas os ensaios a fim de serem coordenados o som do Canto do samba-enredo.

CANA

Baseado na cana-de-açúcar, o samba enredo da Jangadeiro tem o título de ‘Cana-de-açúcar Ouro Verde das Alagoas’[.].⁵⁸

Explicitamente a Jangadeiros fazia alusão às graças da que foi a principal atividade econômica do estado por muitos séculos desde a colonização portuguesa. No entanto, tal atividade marcou profundamente o trabalho escravo e a violência contra as populações negras em Maceió e em todo estado de Alagoas. É importante apontar que os sambas-enredo possui forte poder literário e de interpretação da realidade, logo as escolas de samba são também instrumento de atuação no cotidiano das sociedades como um todo. Produzir um enredo que defendia a cana de açúcar como ouro do estado era, em outras palavras, defender de algum modo a manutenção da histórica exploração do trabalho análogo à escravidão e do enriquecimento das famílias abastadas naquele contexto.

Nesse contexto de ditadura e no modo como a visão de cultura elitista era abordada em Maceió, evidenciava-se que a compreensão histórica defendida inclusive entre as escolas de samba era aquela que versava sobre a historiografia dos de cima, ou da história oficial, onde os personagens históricos detentores dos poderes eram retratados como heróis e símbolos nacionais. Vejamos a matéria a seguir:

A escola de samba Unidos do Poço, a partir desta terça-feira, estará divulgando através das emissoras de rádio e televisão o seu enredo para o próximo carnaval ‘a suntuosidade no mundo dos bandeirantes’, cuja letra e música são do compositor Sebastião Canuto. Samba será gravado pelo cantor Genivaldo

⁵⁶ Rás Gonguila será homenageado no carnaval do Rio de Janeiro em 2024 pela Beija-Flor de Nilópolis. O caso gerou grande polémica quando veio a público, pois envolveu forte investimento da Prefeitura de Maceió, precisamente 8 milhões de reais pagos a Escola de Samba do Rio de Janeiro.

⁵⁷ **CARNAVAL** começa a ser organizado segunda-feira. **Gazeta de Alagoas**. 12 de jan. p. 2.

⁵⁸ **JANGADEIROS** está começando ensaios. **Jornal de Alagoas**. 8 de jan. 1980, p. 7.

Costa da própria escola e seu refrão terá a participação de um coral preparado pelo próprio Sebastião Canuto. Enfocando a luta dos bandeirantes que desbravaram matas para ir ao encontro das riquezas do interior brasileiro, o samba apresenta-se como o mais fácil de ser cantado no carnaval.

LETRA

O samba enredo da escola Unidos do Poço, contendo três estrofes e dois refrões, tem a seguinte letra:

‘Desbravando matas/com dedicação/ ampliaram as nossas fronteiras/Conquistando o patrimônio da nossa nação/de São Paulo os bandeirantes vieram/com raça, valentia e ambição/buscavam pedras preciosas/ tesouro cobiçado, fonte de ilusão.

Com armas e botas, peneira e gibão/enfrentavam o perigo, conquistando o sertão

sabarabuçu ô ô ô ô/ fonte de riqueza/ lendário Monte Verde fascinante/com uma forma marcante/sem igual, beleza/Contam através da lenda/que seus metais brilhantes/eram todos diamantes/esplendor da natureza.

Prata e ouro ajudaram o Brasil/nessa batalha de fé varonil.

Recordando trechos da nossa história/vamos nesse tema homenagear /estes bravos Guerreiros/que encheram de glórias/ nosso torrão brasileiro/ Borba Gato, Brás Cuba e Fernão/ com outros cumpriram a missão/ escravizando grupos de índios/pensando no progresso da nação’.⁵⁹

Assim como a histórica rival Jangadeiros Alagoano, a Escola de Samba Unidos do Poço também produziu um enredo bem característico para aquele momento, inclusive foi a escola campeã do carnaval de 1980. Nitidamente o samba-enredo tratava da valorização e culto aos grupos que exerceram grande poder durante o Brasil colonial e que inclusive contribuiu para a violência contra os africanos escravizados neste lado do Atlântico. Utilizando a violência através do discurso do progresso os bandeirantes exterminaram inúmeras populações indígenas pela América portuguesa e, diga-se de passagem, foram os responsáveis pela derrubada do Quilombo dos Palmares em Alagoas.

Postura ainda mais controversa foi a da Escola de Samba Cacique do Samba, que apesar de carregar em seu nome uma referência aos povos indígenas, manteve nesse período uma postura estranha a essas comunidades e até censurou seu próprio samba-enredo de 1979 denominado “Caetés”, composto pelo poeta Jucá Santos e o sambista Juvenal Lopes. O samba que ecoava a importância dos povos indígenas Caetés para Alagoas e questionava versões da historiografia dominante naquele período, inclusive sobre a morte de D. Fernandes Sardinha atribuída aos Caetés, cantava

‘Venham ver/ a nossa escola aplaudida/ apresentando/ os Caetés na passarela da avenida/ Primitivos habitantes desta terra/ onde começa a nossa história/ de lutas heróicas triunfais/ o que o sangue Caeté registra nos anais/ salve salve o índio/ Caeté das Alagoas (refrão)/ que marcou sua presença/ nos legando coisas boas/Vivendo da Pesca e da caça/ era um verdadeiro artesão/ no fabrico de redes e canoas/ e de malocas para sua habitação/O cauim como sua bebida/ era por eles sempre usado./ D. Pedro Fernandes Sardinha/ pelos Caetés foi

⁵⁹ **SAMBA** da Unidos começa a ser cantado a partir de hoje nas emissoras. **Gazeta de Alagoas**. 23 de jan. 1980, p. 2.

devorado/ Assim diz a história/ que se perdeu no passado/ Salve, salve o índio/
Caeté das Alagoas/ que marcou sua presença/ nos levando coisas boas.⁶⁰

Por qual razão este samba não agradou a comissão da escola? O samba tinha sido avaliado como ruim ou sem potencial de vitória no carnaval? Ele incomodava ou ameaçava o regime? A escola estava totalmente alinhada as diretrizes da ditadura? Na conjuntura da ditadura militar, como já observamos, eram fortes as ideias e o pensamento dominante em Alagoas, ao mesmo tempo era rígida a vigilância e o controle sob espaços e coletivos populares que remetessem qualquer ligação com as minorias que não estavam representadas nas instâncias do Estado, e os povos indígenas se enquadraram, sem dúvidas, nesses grupos.

O Jornal de Alagoas que trouxe a notícia em 16 de fevereiro de 1979 não detalhou e nem aprofundou na matéria as razões para a Cacique rejeitar o samba-enredo e tampouco questionou esse movimento da escola. O samba censurado foi substituído por uma outra versão, desta vez com a letra elaborada tão somente por Juvenal Lopes, que retirou o título “Caetés” do samba e sugeriu um nome que esteve voltado para a folclorização dos povos originários: “Lenda do Paraíso”. O samba com uma total modificação narrava

Foi na Terra/ das Alagoas que a nação Caeté veio descobrir/ a Potyra Nativa do Yeté/ primitivos habitantes desta terra/ Onde começa a nossa história/ de lutas heróicas triunfais/ que o sangue Caeté registra nos anais/ ê meuê, meuá/ é meuá, é meuê/ vem meu povo, vem cantar/ A Glória do ecoetê/ foi o gentil na defesa/ do Paraíso Caeté/ entre eles D. Pero Sardinha/ que índio dizimou/ por isso o povo Caeté/ O Jande Iara amaldiçoou/ Assim diz a história/ Felicidade jamais gozou (refrão).⁶¹

É notório que há uma total modificação do samba-enredo e de seu sentido, que vai desde o título do samba até o conjunto da história narrada no enredo. Se na primeira versão do samba era pontuado a importância e aproximação do povo Caeté com a história e as identidades do povo alagoano, a segunda versão falava sobre lendas e folclore onde os Caetés estavam inseridos, ao tempo que colocava D. Fernandes Sardinha como o gentil que defendia os indígenas. Defendendo a ideia de que os povos indígenas são selvagens o samba aponta uma certa ingratidão desses povos com Sardinha, que como resultado de seu esforço na defesa dos Caetés e do território foi assassinado por eles.

⁶⁰ **JUVENAL** Lopes repele acusação de que teria plagiado Jucá Santos. **Jornal de Alagoas**, 16 de fev. 1979. p. A-2.

⁶¹ **JUVENAL** Lopes repele acusação de que teria plagiado Jucá Santos. **Jornal de Alagoas**, 16 de fev. 1979. p. A-2.

A matéria do Jornal de Alagoas não discutiu uma linha sobre a censura e sobre a substituição do samba-enredo por parte da escola, focou totalmente a matéria na discussão se o sambista Juvenal Lopes teria ou não plagiado a primeira versão do samba que tinha feito com Jucá Santos. Vale ressaltar ainda que a matéria não questionou em nenhum momento as razões de Juca Santos não compor parceria novamente com Juvenal, o que sugere mais ainda uma intrigante situação naquela véspera de carnaval.

Afinal, Jangadeiros, Unidos e Cacique aderiram à ditadura?

Entre a década de 1970 e a metade da década de 1980, em Alagoas, as escolas ainda viviam sob o lema de sua consolidação. Não a sua consolidação perante suas comunidades, pois isso nunca foi uma questão ou problema, mas a consolidação perante os poderes públicos, os carnavais da cidade e a sociedade em geral. Ou seja, dentro de diferentes contextos, as escolas buscaram se afirmar, exigir e até buscar formas variadas para seu fortalecimento, não dependendo muitas vezes se as parcerias para tal viriam do setor público ou privado. Se entendermos o contexto de precarização histórica dessas escolas, melhor compreenderemos suas negociações com distintos grupos, principalmente nesse momento de ditadura.

Afinal a precariedade das escolas com relação ao poder público e sobretudo num contexto de crise econômica no Brasil onde durante os carnavais se discutia se teríamos ou não combustíveis nos postos de gasolina. Perante o regime militar não era estranho que as escolas se aproximassem dos setores abastados do estado de Alagoas e até homenageassem esses grupos, ou deixassem de lado muitas vezes interpretações e a defesa da sociedade a qual faziam parte.

2.3 Uma outra versão de samba-enredo

É sintomático que as escolas de samba não apenas do Rio de Janeiro, como também de outras partes do Brasil viviam uma forte vigilância pela ditadura militar, no entanto é preciso reconhecer que a produção dos enredos das escolas não passava por necessariamente reafirmar o pensamento colonial, positivista e elitista. Mesmo no contexto de regime autoritário as escolas de samba produziam no Brasil enredos carregados de críticas e até de homenagem a personalidades que pertenceram ao Partido Comunista. Isso ocorreu em Alagoas. Mas, isso passou despercebido pelo regime e pela censura? A ditadura percebeu e ignorou por alguma razão? O samba-enredo em questão não demonstrava qualquer ameaça às bases do regime autoritário e se tratava de um samba domesticado e contido?

No carnaval de 1979 a Escola de Samba 13 de Maio lançou um samba-enredo em homenagem ao escritor e político alagoano Graciliano Ramos. Notável na literatura nacional Graciliano foi um ex-membro do PCB - Partido Comunista do Brasil e inclusive foi um dos responsáveis pela articulação de aproximação do partido com as culturas populares e com as escolas de samba do Rio de Janeiro como notou a historiadora Tamara Cruz:

Na perspectiva do PCB, cabia aos intelectuais e artistas o papel de desenvolverem uma cultura política engajada, que seria difundida junto às massas através da aproximação e educação do proletariado. O modelo do PC para a construção de uma cultura ‘genuinamente proletária’, propunha ‘que [arte e cultura] funcionassem como instrumentos de combate à cultura cosmopolita burguesa’. Assim, seguindo seu papel de educar e criar uma ‘cultura proletária’ no Brasil, o escritor Graciliano Ramos participou de um comício do Partido, em outubro de 1945, dirigido aos sambistas e membros das escolas de samba dos morros da Tijuca.⁶²

A letra do samba-enredo da 13 de Maio não apontava as contribuições do escritor para o PCB e tampouco mencionava sua atuação entre os militantes comunistas do meio literário e cultural. Porém expressava aquilo que inegavelmente o escritor foi para a construção de uma sociedade mais justa: escrevia, ainda que passível de críticas, sobre histórias daqueles que não tinham lugar na história oficial, trabalhadores, negros, indígenas

A escola de samba do bairro do Jacintinho Treze de Maio, desfilará este ano na Avenida Duque de Caxias, com o tema 'Graciliano Ramos', de autoria de Sebastião Canuto, apresentando alas que falam das obras do escritor alagoano, índios, mulatas com uma bateria de 150 componentes em trajes de jagunço, ainda passistas e bailarinas todos com fantasias confeccionadas em tecidos vermelho e branco, as cores tradicionais escola. As fantasias estão sendo costuradas pela esposa do presidente da Treze de Maio, senhor Manoel Joaquim do Nascimento que declarou ser este o investimento que ficará no total acima de 100.000 Cruzeiros[...] a escola está ensaiando às terças e quintas-feiras, aprimorando a sua bateria e seu canto à Graciliano Ramos: 'Salve Quebrangulo e o grande escritor. Palmeira dos Índios onde governou? (Refrão) Retornando a passarela A Treze de Maio neste carnaval Faz uma homenagem em memória Ao romancista genial Nasceu em Quebrangulo E cresceu lá em Palmeira Graciliano Ramos se consagrou Na literatura brasileira Chucurus, hoje recorda o saudoso menino Chucurus é a bela Palmeira dos Índios (Refrão) Partindo para terras distantes

⁶² CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História da UFF-Niterói. Rio de Janeiro, 2010. p. 51,-52.

Graciliano logo conquistou
O apogeu da Glória
Como grande escritor
Com seus grandes romances fascinantes
De linguagem pura sensacional
Descrevia o homem sertanejo
Mostrando o seu potencial
Caetés e Vidas Secas
Foram alguns de seus romances? (Refrão)
E a cachorra baleia aparecendo em 'mudança'
A literatura brasileira
Ficou enriquecida e ganhou
Romance sensacionais
Que Graciliano deixou
Oh! como é bonito recordar
Exaltando neste tema
São Bernardo, Angústia e Insônia
Obras literárias de valor
E homenageando o seu talento
Cantamos hoje em seu louvor.'⁶³

Há de se notar primeiramente que as condições materiais da 13 de Maio eram bem limitadas. Como era característicos das escolas de samba, grande parte do processo criativo e de mão de obra para a confecção dos materiais para os desfiles ficava a cargo da própria comunidade. Com exceção das escolas do Rio de Janeiro, que viveram já nesse mesmo período um momento de grandes avanços profissionais e imenso incentivo de grupos de empresários e contraventores como já mencionado.

Falar de Graciliano Ramos, ainda que hipoteticamente naquele período as memórias sobre ele não estivessem tão relacionadas aos comunistas, é preciso perceber que anunciar Graciliano já era em si uma grande abordagem naquele período que se diferenciava das demais escolas, além do mais quando o enredo entrelaçaria parte de sua vida política e a vida crítica de escritor.

Temos, portanto, duas interessantes referências no enredo que parecem, ao menos aos olhos ligeiros, nada muito provocador, vejamos. Em primeiro lugar é o chamamento aos povos indígenas de Palmeira dos Índios, esse interesse em falar sobre os povos Xucurus é de grande importância, uma vez que os povos indígenas jamais foram associados às identidades do povo alagoano. O outro elemento é que as obras citadas não se restringem a Vidas Secas (1938), mas também fazem referências a obras anteriores a esta e que foram muito importantes para um escritor preocupado com as questões sociais.

⁶³ **GRACILIANO** Ramos é tema da 13 de Maio. **Jornal de Alagoas**, 14 de fev. 1979. p. A-2.

Entre elas “São Bernardo” (1934) e “Angústia” (1936) livro lançado no contexto de sua prisão pelo Exército, quando acusado de envolvimento com o Partido Comunista.

Não caberia aqui e nem seria de nosso interesse fazer uma minuciosa análise sobre as obras e a vida política de Graciliano Ramos, escritor que naturalmente não está isento de possíveis críticas ou qualquer coisa neste sentido. O que é de nosso interesse nesse momento é perceber como as escolas de samba de Maceió - associações negras e comunitárias - também encontraram saídas e frestas em meio à censura e à vigilância para falar aquilo que se pretendia, ainda que de forma contida e negociada.

Essas são formas de convivência negociada são chamadas de acomodação pelo historiador Rodrigo Patto:

Importante esclarecer que as estratégias de acomodação implicavam uma via de mão dupla, ou seja, o Estado por vezes também agia ambigualmente. Certos atores sociais aceitavam conviver com o regime militar, mas este também precisava fazer concessões, de outro modo o arranjo não seria possível, e isso envolvia a flexibilidade e pragmatismo. Na visão de quem aceitava acomodar-se com a ditadura, tratava-se de explorar possibilidades abertas pelo próprio Estado para atenuar o impacto do autoritarismo, aproveitando as "brechas" disponíveis, sobretudo as oferecidas por alguns paradoxos (e às vezes algumas ações contraditórias) do regime.⁶⁴

Ora, o mecanismo de encontrar brechas é, portanto, um modo como muitas escolas buscaram para se reinventar dentro de seus contextos históricos, a partir de suas realidades, como vimos bastante vigiadas e controladas. Vale ainda adicionarmos mais um fator nesse contexto: a ausência das políticas públicas para as culturas populares em Maceió em prol da invenção da cidade turística, que abordaremos com mais detalhes no próximo capítulo, no entanto, deve-se considerar que esse processo de marginalização ganhou campo fértil e força durante a ditadura militar.

As escolas de samba foram muito atuantes na política brasileira e nas políticas de seus estados e cidades, foram e são muito importantes instrumentos de denúncia e de voz das comunidades periféricas e negras em todo país. No entanto é uma armadilha entender as escolas de samba apenas por um ponto de vista purista, não reconhecendo seus conflitos e suas contradições.

As culturas populares e sobretudo negra historicamente teve que negociar a sua própria existência, em primeiro lugar tiveram que entender o contexto de suas vidas, quase sempre precárias, violentadas e perseguidas, depois tiveram de encontrar

⁶⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados e Presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar**. 2021. 1º ed. Rio de Janeiro. Zahar. p. 167.

mecanismos e estratégias para não desaparecerem. Em seguida ceder e subverter às normas e exigências do modo de vida civilizatório e republicano ao qual estavam sob exigência.

A atuação da Escola de Samba Unidos do Poço, por exemplo, pode ser melhor compreendida por nós por essa dimensão das contradições e da acomodação do que por qualquer outra categoria de análise. Como já apresentado a Unidos do Poço foi uma entre outras escolas que produziram leituras através de seus sambas onde a posição das figuras dominantes era reforçada, no entanto é possível perceber que a escola também manteve um papel importante em defesa da cultura negra e também de outras minorias. Reproduzo abaixo trecho de um documento produzido por órgão de vigilância da ditadura, cujo teor analisarei na sequência:

O CENTRO DA MULHER ALAGOANA (CEMA), através de um grupo constituído por pessoas provenientes do MOVIMENTO MULHERES COM TANCREDO, participou, no dia 08 MAR 85, das comemorações do "DIA INTERNACIONAL DA MULHER", realizadas na ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO POÇO, em MACEIÓ/AL.

Na ocasião, foi elaborada uma moção de Apoio ao nome da Deputada Estadual PMDB/SP RUTH ESCOBAR, para presidir o CONSELHO NACIONAL DA CONDIÇÃO FEMININA.⁶⁵

Durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher, em 1985, o Departamento da Polícia Federal em Alagoas, ligado à Superintendência Regional do Ministério da Justiça produziu um dossiê direcionado ao Serviço Nacional de Informações (SNI). O dossiê falava sobre os atos realizados em Maceió e em Alagoas, nele, a Polícia Federal dava conta de que parte das comemorações ocorreram na sede da Escola de Samba Unidos do Poço como um dos lugares que receberam parte daquelas mobilizações. No processo recebido pelo SNI constava o texto supracitado, como também, nesse mesmo processo, foi anexado um informe da Polícia Federal onde era detalhado um pouco mais sobre parte desse encontro na sede da escola:

As 19:00 horas, na Sede da Escola de Samba Unidos do Poço em MACEIÓ/AL, foi criada a Coordenação da Mulher Alagoana ' (CEMA), tendo na sua coordenação provisória as seguintes pessoas: ANILDA LEÃO, JANICE VILELA, ROJEANA CHAGAS, ELZA AMARAL, LENILDA MELO, GINA GOMES DE BARROS, MYRTE GRANJA, INA CORREA, DENISE

⁶⁵ ARE ACE CNF 6709/85 Fundo SNI. Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) p. 1/3. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/iii/85006709/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_iii_85006709_d0001de0001.pdf. Acesso em: 9 de mai. 2023.

O que esses documentos revelam para nós é que a dicotomia entre Resistência e Colaboração ou Resistência e Adesão perante a ditadura militar não foram e não são suficientes para uma melhor análise das atuações das escolas de samba. Ora, os documentos produzidos pelos agentes da ditadura e que foram digitalizados pelo Arquivo Nacional demonstram que essas agremiações como a Unidos do Poço estavam fazendo leituras de seus contextos histórico-sociais e atuavam junto deles. O momento em que a Unidos do Poço passou a ser um espaço de organização de luta das mulheres foi num momento em que a ditadura militar estava em declínio.

Assim, essas escolas atuaram, em grande medida, a partir de uma interessante negociação, que parece mais adequado para nós entendermos esse complexo movimento pela acomodação, uma vez que não há evidências de defesa ao regime militar ou colaboração. Como também não é possível assumir uma resistência explícita, como outras associações negras o fizeram, a exemplo do NEAB-Ufal e a Associação Cultural Zumbi. Ao tempo em que essas agremiações se reinventavam e negociavam formas de existir, o poder público e o setor empresarial hoteleiro encontravam campo fértil para visibilizar uma Maceió dos bairros nobres, que excluiu dos cartões postais e dos investimentos os bairros periféricos e tradicionais como Bebedouro, Jacintinho, Ponta Grossa, Vergel do Lago e afastou-se de qualquer ligação com as expressões e culturas produzidas nesses espaços.

⁶⁶ ARE ACE CNF 6709/85. INFORME N°027/85. Superintendência Regional do Estado de Alagoas – Departamento de Polícia Federal. Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/iii/85006709/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_iii_85006709_d0001de0001.pdf. Acesso em: 9 de mai. 2023.

CAPÍTULO III

A invenção da cidade turística e a declínio do carnaval popular

3.1 – Inventando uma cidade para turista

Entre a variedade de violências possíveis e já conhecidas contra as culturas populares e negras, identificamos nos periódicos *Jornal de Alagoas*, *Jornal de Hoje* e *Gazeta de Alagoas* entre os anos 1979 e 1985, movimento parecido com o que aconteceu no Rio de Janeiro durante o século XX, que contava com uma descaracterização e elitização do carnaval expressadas no incentivo aos clubes particulares. Aqui em Maceió representados pelo Iate Clube Pajuçara, Alagoinha Iate Clube, Clube de Regatas Brasil e o Clube Fênix que contavam, inclusive, com a presença confirmada de autoridades alagoanas desde as prévias carnavalescas e um forte investimento em propaganda nos jornais impressos.

Uma das principais pistas para entendermos o enfraquecimento do carnaval de rua, das escolas de samba e por tanto das culturas negras e populares maceioense em geral é a partir das políticas públicas, principalmente aquelas destinadas ao turismo desenvolvidas desde a década de 1970 até o contexto de produção dessa pesquisa, que corroboram com a invenção de uma cidade turística que respondia às necessidades dos empresários com seus empreendimentos hoteleiros e imobiliários nos bairros nobres da cidade e que escondeu as vielas e becos dos cartões postais e inviabilizou as culturas negras de se manifestar.

O termo “invenção” aqui empregado refere-se a uma atribuição bastante utilizada pelos historiadores no sentido de descrever a atuação das pessoas ou de grupos específicos na construção social de culturas materiais ou imateriais, incluindo a ação na construção de símbolos, tradições, marcas, práticas ou costumes que atendem, em a interesses variados. Ao tratar da invenção das tradições, o historiador Eric Hobsbawm (1997) definiu esta como: "conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado"⁶⁷.

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric. “Introdução: A invenção das Tradições”. Em: Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

A capital alagoana das duas primeiras décadas do século XXI reconhecida como a cidade do “sol e mar de Maceió” e de poucos ou quase nenhum mais carnavais de rua não remete a uma característica concebida há tempos remotos como parece que sempre foi. A invenção da cidade que, ao menos nas suas regiões praianas, acomoda e garante tranquilidade para turistas de todo o mundo que buscam fugir das frenéticas metrópoles e badaladas cidades, é historicamente recente.

Hobsbawm (1997, p. 12) ao falar sobre as diferentes maneiras de se inculcar novas tradições nas sociedades tradicionais, aponta que elas podem se transformar de maneira rápida ou gradual e afirma "em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta". Veja-se, as invenções estão ligadas a interesses seja ele qual for. No contexto de produção dessa pesquisa a cidade de Maceió é um dos lugares mais movimentados pelo setor turístico do Brasil, principalmente nos períodos de veraneio. Esse grande polo turístico da região Nordeste não surgiu do nada e tampouco foi o acaso responsável por essa realidade, muito pelo contrário, para se definir como uma cidade turística, Maceió passou por intensa movimentação de promotores tanto do setor público quanto do setor empresarial, articulados na construção desse projeto de cidade.

Imagem 8: Transformação espacial no bairro da Ponta Verde.



Fonte: Blog Cultura e Viagem.

⁶⁸ BAIRRO Ponta Verde. In: **Cultura e Viagem**. 2013. Disponível em: <https://culturaeviagem.wordpress.com/2013/04/19/em-poucos-anos-tudo-pode-mudar-iii-ponta-verde-maceio/>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

É indispensável apontar que o incentivo aos carnavais dos clubes privativos localizados nas praias maceioenses durante o período mencionado foi acompanhado juntamente aos incentivos turísticos e de urbanização que a Prefeitura de Maceió priorizou à época. Um estudo publicado na Revista Iberoamericana de Turismo, em 2016, por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas debruçou-se sobre o processo de urbanização das regiões praianas da cidade e no desenvolvimento do turismo em Maceió e no estado Alagoas:

Contudo, a década de 1970 prenunciou uma etapa de crescimento e modernização do turismo em Maceió. A cidade cresceu, a orla do bairro de Pajuçara, onde se situa até hoje o famoso ponto turístico denominado “Sete Coqueiros” [...] foi urbanizada em 1974; também foi aberta a avenida que atualmente liga o bairro de Ponta Verde (onde antigamente estava situado outro coqueiro famoso, o Gogó da Ema, que tombou com o tempo [...] à chamada Lagoa da Anta, hoje denominada Avenida Álvaro Otacílio. A partir dessas transformações urbanas, foram inaugurados restaurantes e hotéis de grande porte nessa parte da cidade. Com isso, o trecho de orla formado pelos bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca se tornou a área central da urbanização turística da cidade.⁶⁹

O estudo publicado com o título *Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação* nos revela que entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 ocorreu uma fase de desenvolvimento do turismo em Alagoas e em especial na cidade de Maceió. O estudo contribui para reforçar o argumento que defendo neste trabalho, cujo principal teor é de que, foi entre os anos de 1979 e 1985 que o processo de urbanização praiana e os incentivos às redes hoteleiras se desenvolveu e marcou o avanço turístico de Maceió como um lugar de “Sol e Mar”. Ali surgia a invenção da cidade como o lugar das férias de Verão.

Também, apesar da década de 1980 configurar um cenário nacional de crise econômica[...], no começo dessa década, a Ematur estava institucionalmente um pouco mais madura, e trabalhava em parceria com agências de viagens locais[...]. Esse órgão também interagiu com outros municípios turísticos do Nordeste, como ilustra [...] Nessa época, pairava certo clima de otimismo para o turismo em Alagoas, e nos anos de 1981 e 1982, o Hotel Jatiúca realizou inúmeras propagandas, lançadas nas principais revistas do país, assim como nos jornais de maior circulação no Sul e Sudeste do Brasil[...] Com base em dados do “Relatório Evolução dos Meios de Hospedagem – 1982/2005” da Secretaria de Estado de Turismo de Alagoas, Peixoto (2008), no ano de 1982 Maceió tinha 11 hotéis, contando com 725 unidades habitacionais – UH’s – e 1.438 leitos. Nesse mesmo ano, pela primeira vez na sua história, o destino

⁶⁹ ARAÚJO, Lindemberg Medeiros de; RAMOS, Silvana Pirillo; VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa de. Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Penedo, Vol 6, N. 1, p. 139-164, jan/jun 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ganhou um Prêmio Imprensa de Turismo, sendo eleito “O Município Turístico do Ano”.⁷⁰

O que podemos perceber é que essa temporalidade é determinante e crucial, pois ocorre uma forte disposição dos poderes públicos, em especial da Prefeitura de Maceió, em transformar a cidade em um polo turístico sólido no Nordeste e no Brasil, movimento que foi negligenciando outros setores públicos, entre eles obviamente as culturas populares, que em situação piorada sequer possuía uma secretaria própria à época. Todas as discussões sobre as questões, demandas e problemáticas que envolvessem as culturas populares maceioenses eram deliberadas pela Secretaria de Promoções e Esportes ou, posteriormente, pela Secretária de Promoções e Turismo do município, pastas essas que pertenciam a administração de Prefeitos empossados pela ditadura militar como Dilton Simões e Fernando Collor de Melo.

Com relação ao que chamamos aqui de culturas populares, Edward Thompson (1991) em seu conceito de "cultura" diz sobre os cuidados que devemos ter ao generalizar a ideia de cultura popular, pois isso pode expressar ou sugerir uma ideia de consenso nas atitudes, valores e significados. Se entendida por um modo consensual deixa de revelar os conflitos existentes entre os diferentes costumes. Ele fala sobre a existência de trocas entre diferentes culturas: oral e escrito, dominante e subordinado e é justamente nessa dimensão dos conflitos que devemos entender a cultura popular por aqui.

Thompson defende que há conflitos de costumes que vão se modificando ou/e se transformando em um "fluxo contínuo". Logo apresenta que esse conceito deve ser entendido por seu lugar material: a partir das "relações sociais, da exploração e resistência, das relações de poder". E que devemos fugir dessa perspectiva do consenso para evidenciar as fraturas e oposições dentro do conjunto. Em nossas fontes podemos perceber bem como esses conflitos e fraturas se apresentavam na relação entre as escolas de samba, parte das culturas populares e o poder público:

A partir de ontem quando as duas principais Escolas de Samba Jangadeiros Alagoanos e Unidos do Poço, reuniram seus associados para os tradicionais bailes de sábado, foi iniciada a movimentação para o Carnaval/81 que se auspia de pleno êxito, face a um trabalho que já está começando a ser executado pela Secretaria de Esportes e Promoções, da Prefeitura Municipal de Maceió. Ontem mesmo, a campeoníssima dos carnavais maceioenses, a Jangadeiros Alagoanos, durante o encontro dançante em sua sede provisória, apresentou sua Ala-show e seu coro de sambistas, lançando seu samba-enredo

⁷⁰ ARAÚJO, Lindemberg Medeiros de; RAMOS, Silvana Pirillo; VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa de. Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Penedo, vol 6, n. 1, p. 139-164, jan/jun 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 20 dez. 2021.

que este ano tem o tema “Carnaval Antigo”, com letra dos compositores da escola, Oscar e Anderson Silva. Mesmo com três meses de antecedência, que o carnaval deste ano será em março, o presidente Jaime Seixas, da Escola de Samba Jangadeiros Alagoanos, demonstrando certa euforia, afirma que “este ano a nossa Escola ganhará de novo o título de campeã”. E explica “Nosso samba é o mais bonito e pretendemos organizar de uma melhor forma a equipe de sambista e dar um novo ritmo a nossa bateria”. (JORNAL DE ALAGOAS, 4 de janeiro de 1981, p. 5)

Na reportagem do Jornal de Alagoas são reveladas algumas coisas fundamentais: em primeiro lugar, algo que foi bastante comum nos carnavais maceioenses, as escolas, seus presidentes e componentes que tomavam a frente da realização do carnaval e isso demonstra uma atuação e preocupação com o processo muito distinta daquela proveniente do poder público municipal. Ainda que a reportagem não evidencie explicitamente as diferentes posturas sobre o carnaval entre sambistas e a administração do prefeito Fernando Collor, elas podem ser observadas.

Vejamos que a matéria, mesmo reconhecendo o movimento inicial das escolas para a organização do carnaval entre si, aponta que o carnaval da cidade já teria “êxito” pois, por parte da secretaria responsável o trabalho para a realização do evento já estava começando. Ora, se a primeira discussão do carnaval de 1981 foi protagonizada e realizada entre às escolas de samba e não havia nenhuma reunião anterior arranjada pela secretaria ou pela prefeitura, como o trabalho já tinha “êxito” garantido? A reportagem também não diz sobre o que foi conversado pelas escolas. Ou seja, não pareceu muito interessante para o jornal - ou para o/a jornalista que escreveu a matéria e não se identificou - o que foi tratado em reunião entre as escolas de samba e os planos e objetivos para o carnaval da cidade. A notícia, portanto, se prende tão somente à festa.

Há de se notar igualmente para uma outra condição das escolas que se estendeu por muito tempo: a ausência de estrutura. Vejamos que mesmo a multi campeã dos carnavais da época, a Jangadeiros Alagoanos, não possuía uma sede própria e que ainda carecia de um espaço adequado para o tamanho de uma escola de samba, optando assim por escolher um grupo reduzido mesmo num dia de grande importância para uma agremiação, o dia do lançamento de seu samba-enredo “durante o encontro dançante em sua sede provisória, apresentou sua Ala-show e seu coro de sambistas, lançando seu samba-enredo que este ano [1981] tem o tema “Carnaval Antigo”.

Aos olhos rápidos e desatentos, essa situação aparenta ser um mero detalhe, mas que ao aprofundarmos o olhar, revelam-se projetos políticos e posturas distintas: por um lado uma política que invisibiliza e constrange a cultura local e em especial as culturas

populares, que apesar de majoritária na cidade e no estado, historicamente precisaram negociar para existir e que foram postas sempre em segundo plano na ordem do dia dos poderes públicos locais ou nacionais, sobretudo durante a ditadura militar. Por outro, a organização e mobilização independente de sambistas e escolas para a realização do carnaval maceioense.

Vejamos o que dizia o Jornal de Alagoas daquele mesmo mês alguns dias depois, em 17 de janeiro numa reportagem intitulada "Secretaria para com a movimentação da folia ":

Acredita-se que a Secretaria de Promoções e Turismo, pelo menos ao que tudo indica, entrou em recesso ao que diz respeito às suas atividades para o Carnaval/81, cuja a promoção é sua responsabilidade. A hipótese é levantada por alguns dirigentes de escolas de samba e blocos carnavalescos, em decorrência de que até agora, consoante observam, apenas uma reunião foi realizada e não se sabendo, nem mesmo, quando um outro encontro será programado por aquela Secretaria. Até certo ponto, é viável a opinião dos carnavalescos responsáveis pelo desfile do carnaval, já que também, nenhuma informação até ontem foi fornecida a imprensa, dando conta do movimento que está sendo realizado pelo Secretário Mario Guerra, com respeito ao tríduo momesco, suas maratonas, ornamentação da cidade e desfile na passarela da avenida Duque de Caxias. A falta de informação cuja culpa cabe aos assessores de imprensa da Secretaria de Promoções e Turismo, talvez seja a causa maior, para que surjam opiniões que acusam uma paralisação no programa daquele órgão para o Carnaval/81. Até o momento as escolas não sabem sobre a verba que será destinada e o folião sem saber quem este ano comandará a folia, se vamos ter uma Rainha do Carnaval e quando começarão as maratonas. (JORNAL DE ALAGOAS, 17 de jan- de 1981, p. 3).

O texto do Jornal de Alagoas contrariava suas próprias colocações noticiadas no dia 4 de janeiro daquele mês, quando afirmou que o carnaval de 1981 teria êxito por razão de uma mobilização que já tinha começado por parte da Secretaria de Esportes e Promoções. Contudo, não é isso que se percebe duas semanas após o informado, quando sequer existia diálogo ou encaminhamento de reuniões que tratassem do assunto. Para além dessa contradição, chama atenção na matéria do dia 17 que houve uma movimentação por parte dos membros das escolas de samba e dos blocos carnavalescos por um parecer daquela Secretaria e do Município com relação à elaboração e a organização do carnaval da cidade. No entanto, o texto do jornal põe sob dúvida o protesto das agremiações quando utilizou “A hipótese é levantada por alguns dirigentes de escolas de samba e blocos carnavalescos”. Ora, já passava quase duas semanas após a mobilização independente das escolas e nenhum sinal da Secretaria, como aquilo podia ser uma hipótese quando se tratava de uma constatação?

Outro elemento do texto é que o jornal garante sentido ao protesto das escolas e blocos até certo ponto. É nesse momento em que a informação passa a assumir um posicionamento sobre o assunto: “Até certo ponto, é viável a opinião dos carnavalescos responsáveis pelo desfile do carnaval, já que também, nenhuma informação até ontem foi fornecida a imprensa, dando conta do movimento que está sendo realizado”, ou seja, a reivindicação das agremiações só fazia sentido pois a imprensa também não fora notificada pela Secretaria.

A legitimidade do protesto é ainda mais colocada sob suspeição quando o texto jornalístico assume a defesa do órgão público e do Secretário Mario Guerra: “A falta de informação cuja culpa cabe aos assessores de imprensa da Secretária de Promoções e Turismo, talvez seja a causa maior, para que surjam opiniões que acusam uma paralisação no programa”. Nesse trecho, da matéria o jornal também assume o papel de juiz quando afirma que a culpa da falta de informações é responsabilidade da assessoria de comunicação daquela instituição.

Os termos utilizados como “hipótese”, “Até certo ponto”, “culpa” claramente denotam que o jornal reflete sobre a situação colocada pelas agremiações populares e que há um posicionamento do jornal sobre o tema. Não há qualquer confirmação de posicionamento da Secretaria ou dos assessores que determine aquele posicionamento do jornal e do jornalista que não assina a matéria. Também há de se notar que naquela data não havia qualquer informação do Município que, sobre os recursos destinados às escolas e blocos. Como dizia o bicheiro Giovanni Improtta, personagem interpretado pelo ator José Wilker sobre a pressa que as escolas precisam ter na organização de seus desfiles, “o tempo ruge e a Sapucaí é grande.”⁷¹ Nós diríamos, o tempo grita e a Duque de Caxias tá parada.

3.2 - Políticas públicas entre o turismo e a cultura

Para entendermos melhor essa relação das políticas públicas entre cultura e turismo nos ajuda o trabalho do pesquisador da área da administração pública Fernando Burgos Pimentel dos Santos *Carnaval e Administração Pública* (2010)⁷² que observa a atuação da administração pública em relação às festas e principalmente o carnaval.

⁷¹ SILVA, Aguinaldo et al. **Senhora do Destino** (Novela Televisiva), 2004, TV Globo.

⁷² SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos Santos. *Carnaval e Administração Pública: O papel dos governos locais na configuração das festas. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, v.7.n.2, nov. 2010.

O autor nos explica que historicamente as políticas públicas para a cultura foram criadas para atender as necessidades e projetos de governo. Desde a década de 1930, quando foi vinculada ao Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, as políticas culturais eram desenvolvidas para a difusão de propagandas do regime varguista. Em 1985, no processo de reabertura política e fim da ditadura militar é que ocorreu uma emancipação do setor cultural em relação a outras pastas e então foi criado o Ministério da Cultura.

Ainda assim, as políticas públicas culturais jamais receberam atenção equivalente a outras políticas públicas sociais de caráter mais assistencialista. Nos municípios de Alagoas isso foi muito forte, além de frequentemente utilizado como moeda de troca. Usualmente cada cidade tem sua própria relação entre governo e festas, governo e o carnaval, cada uma guarda suas próprias particularidades. Nas linhas seguintes passarei a explicar uma pouco mais sobre a organização dessa festividade popular.

O planejamento e execução dos carnavais acontecem de maneiras diferentes por todo o país. Desde o ano de 2001 em Recife a organização da festa inclui oito polos diferentes num formato descentralizado, em que várias apresentações e participações de agremiações, coletivos e artistas acontecem por toda a cidade e possibilita a presença gratuita dos foliões. Na cidade do Rio de Janeiro, onde se localiza o mais famoso carnaval do país acontece o grande desfile das escolas de samba, onde desde 1984 ocorreu o início da chamada “era empresarial”, ou seja, quando grande parte das agremiações passaram a ser independentes do poder público e encurtaram seus laços com as empresas e os financiamentos privados.

Desde 1984, no Rio de Janeiro, a Liga Independente das Escolas de Samba – LIESA, entidade privada, é a responsável pela administração do desfile das escolas de samba, como analisa Santos (2010). No carnaval carioca a empresa pública RioTur é apenas responsável pelo sambódromo, todo o restante, incluindo valores de ingresso e estética, fica a cargo da LIESA. Desde então, as principais fontes de renda das escolas são a comercialização de suas apresentações com os patrocínios que buscam utilizar a visibilidade do evento e propagar suas marcas e também com a venda de ingressos para os ensaios e desfiles, claro que somado a tudo isso esteve a incursão dos bicheiros e empresários.

[...] a relação entre as escolas de samba e o jogo do bicho que irá culminar na fundação da LIESA em 1984. Examina-se o processo de primazia do visual nos desfiles e sua crescente popularidade até alcançar a hegemonia da folia

carioca. Os barões do jogo do bicho entram em cena com seu projeto de privatização da festa legitimado em um discurso modernizador.⁷³

Em Salvador o carnaval em sua totalidade vem sendo privatizado desde o início da década 1990, e no contexto de realização dessa pesquisa é controlado por um grupo comercial que tem estreitas relações com as grandes gravadoras do país. Predomina, através do controle desse grupo, o carnaval dos trios elétricos. Gonçalves Junior (2007)⁷⁴ observa que foi na gestão de Antônio Carlos Magalhães, em 1990, que a música baiana foi capitalizada pela sua gestão como um instrumento de promoção do turismo. Cooptando artistas, produtores, empresários, essa gestão entregou nas mãos do turismo o carnaval soteropolitano.

Para tomarmos noção sobre as implicações da privatização e elitização do carnaval de Salvador, Santos (2010, p. 68) explica que há três tipos de trios elétricos que saem as ruas da cidade durante os festejos carnavalescos: Os trios independentes, aqueles que não possuem ligação com entidades e que não aderem às cordas ou impedem que os foliões (conhecidos como “pipocas”) pulem e brinquem na festa a vontade; os Blocos alternativos, que são aqueles que comercializam Abadás com preços mais acessíveis à população soteropolitana; e os mais conhecidos entre eles, os Blocos de trio, que para participar do festejo é necessário adquirir os abadás comercializados e administrados pelos grandes empresários.

Voltando para nossa cidade e observando as características do carnaval maceioense, a partir das fontes do Jornal de Alagoas e do Gazeta de Alagoas em 1980, é possível perceber que já havia uma tímida descentralização na distribuição de eventos que ocorriam desde Bebedouro a Ponta Grossa. No entanto, Maceió, diferentemente de Recife, Rio de Janeiro e Salvador não só ignorou a cultura local como possibilidade turística, como a mitigou como parte de suas características e identidade. Ao tempo que as políticas para o turismo da cidade de veraneio se intensificaram no objetivo da invenção da Maceió de “Sol e Mar”, as culturas populares, aqui em específico as escolas

⁷³ JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019. p. 13.

⁷⁴ JUNIOR, Gonçalves. A ditadura da alegria. **Revista da Fapesp**, n. 136, São Paulo, junho de 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-ditadura-da-alegria/>. Acesso em: 05 de fev. 2022.

de samba, restringiam-se aos desfiles de carnaval e, ainda assim numa realidade de abandono.

Entre o final da década de 1970 e início de 1980 em Maceió o governo municipal de Fernando Collor – que iniciou o governo com menos de trinta anos de idade - se espelhou em políticas de privatizações do carnaval não só com os incentivos aos grandes clubes das praias da cidade, mas também limitando a realização das festas de momo aos patrocínios da iniciativa privada, e que pese sobre esse contexto, o carnaval maceioense já dependia financeiramente dos comerciantes da capital alagoana. Ou seja, transferia a realização do carnaval para a iniciativa privada “exigindo dessas classes uma colaboração mais acentuada”, como veremos na citação seguinte, e para isso foi fundamental o relacionamento estreito entre o prefeito de Maceió com a Federação do Comércio, entidade que desde o período colonial acumulou poder econômico e político na cidade.

Por considerar o apoio dos lojistas, dos retalhistas e da Federação do Comércio ao carnaval de Maceió de vital importância a Prefeitura Municipal está disposta a exigir dessas classes, este ano, uma colaboração bem mais acentuada, principalmente no que diz respeito a decoração do centro da cidade. O prefeito Fernando Collor de Mello e o secretário Jaques Natter, de Esportes e Promoções, farão ver aos lojistas, aos retalhistas e a entidade que congrega todos os blocos do comércio, a importância de se melhorar as vitrines, ornamentar as fachadas das lojas com motivos momescos. Mesmo com a concentração do Carnaval na Avenida Duque de Caxias, a única artéria que oferece condições para uma festa desta natureza, entende o prefeito que o centro precisa estar motivado, o mesmo ocorrerá com Ponta Grossa e Bebedouro, porque, nestes bairros a folia também se fará presente.⁷⁵

Nas reportagens do Gazeta de Alagoas - periódico que já pertencia à família do prefeito – ao analisarmos as notícias sobre os preparativos do carnaval de 1980, é possível notar que o impresso simplesmente anunciava o que era de interesse da prefeitura sobre assuntos carnavalescos. Nessa questão, a reportagem se restringe ao quê e tão somente a prefeitura pensa sobre o assunto não havendo uma interlocução com outros interessados. Nem aos lojistas e retalhistas, tampouco aos foliões, carnavalescos e ao povo.

A reportagem publicada em 18 de janeiro mencionava bairros populares a exemplo de Bebedouro e Ponta Grossa como espaços onde ocorreria as folias carnavalescas, mas sequer mencionou algo sobre como andavam os planejamentos da prefeitura ou qualquer outra informação de interesse das pessoas que moravam naquelas regiões. É estritamente reprodutor do que pensava o então prefeito empossado pela ditadura militar. Cabe notarmos ainda a designação do Prefeito sobre a decoração da

⁷⁵ GAZETA DE ALAGOAS, 18 de janeiro de 1980, p. 2.

cidade no período carnavalesco. Ou seja, aquela tarefa era repassada aos comerciantes e empresários, demonstrando aí uma confusão entre as obrigações públicas e a colaboração do setor privado. Ora, ornamentar suas próprias lojas era tarefa dos comerciantes, mas ornamentar outros trechos do carnaval público da cidade era uma responsabilidade do Município.

IMAGEM 9: Prefeitura solicita apoio de comerciantes para realização do carnaval 1980.



Fonte: Gazeta de Alagoas, 18 de janeiro de 1980, p. 76

A partir do trabalho de Santos (2010) podemos refletir com mais concretude esse elemento de invisibilização das culturas populares a partir da privatização das políticas públicas de cultura e também a partir da subordinação da mesma a outras pastas públicas, que é o caso identificado em Maceió nesse período. Junto a um processo de invenção da cidade de “sol e mar” que priorizou desde então o turismo e os negócios imobiliários e hoteleiros, as culturas populares e negras maceioenses esteve subordinada por sua vez à Secretaria de Promoções e Esportes e em seguida a Secretaria de Turismo, que naturalmente cometeram uma série de descompromissos com as culturas locais e consequentemente com a população que não só brinca e pula, mas que também produz cultura.

⁷⁶ **CARNIVAL 80**, Prefeitura quer apoio de entidades lojistas para êxito do carnaval. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 18 jan. 1980, p. 2.

Nas vésperas do carnaval de 1980 por exemplo, posicionamentos preconceituosos por parte da antiga Secretaria de Promoções e Esportes do prefeito Fernando Collor de Mello, na figura de Jacques Natter, expressou bem como o governo municipal responsabilizava a população pelo enfraquecimento das festividades de rua e a diminuição dos investimentos nesses eventos. Suas justificativas dadas para se esvaziar e mitigar cada vez mais as festividades de rua foi o discurso de responsabilizar o povo por ser “deseducado” e propiciar confusão.

Embora os clubes carnavalescos, escolas de samba e grupos interessados já estejam se movimentando com visão a um bom festejo carnavalesco, o Sr. Jaques Natter, da Secretaria de Promoções e Esportes da Prefeitura de Maceió, nada adiantou em torno do que se projeta com visão a animação e decoração de ruas, durante o tríduo momesco. Disse na ocasião o Secretário Jaques Natter, que só na 3ª e 4ª feira da semana vindoura, por ocasião da reunião, na própria Secretaria, do Prefeito Fernando Collor, da comissão (ainda não escolhida), do próprio Secretário e demais interessados, serão acertadas algumas medidas a serem tomadas com referência ao carnaval. ‘Contudo, não será muito o que faremos em torno da mudança de ruas com referência ao carnaval passado’. Acrescentou o Sr. Natter, explicando que a decoração de ruas será nos moldes da dos festejos carnavalescos do ano passado. ‘Mas só daremos mesmo informações detalhadas depois da reunião que tratará deste assunto. Concordou o Secretário com que os recentes festejos de final de ano foram realmente fracos, mas atribuiu isto a depredação que foi feita nas ruas por pessoas “deseducadas” que arrancaram a decoração de Pajuçara e parte do centro, mesmo antes do Natal propriamente dito. ‘A depredação foi feita mais fortemente, na primeira noite por molecagem mal educada. Não é verdade que o Prefeito, visando maior sucesso no carnaval vai nomear ele mesmo, uma comissão para tal fim. Eu mesmo nunca ouvi nada a este respeito. Também, quanto à transferência dos festejos carnavalescos da Avenida Duque de Caxias para a Nova Pajuçara, diz o Sr. Jaques Natter que até momento, o que se sabe é da repetição do carnaval, este ano, no local onde sempre foi realizado. Dentro de uns 10 dias será também, tomadas medidas quanto a contratação da empresa que fará a decoração da cidade.’⁷⁷

Restando um mês para o início daquele carnaval, a prefeitura da cidade sequer tinha uma comissão montada para pensar a organização do carnaval maceioense. Quando questionado pelo enfraquecimento dos festejos na cidade em relação aos anos anteriores, Natter concordou que deixou a desejar, mas atribuiu o insucesso à população que depredou as decorações afirmando que: “A depredação foi feita mais fortemente, na primeira noite por uma molecagem mal-educada. Não é verdade que o prefeito, visando maior sucesso do carnaval, vai nomear ele mesmo, uma comissão para tal fim.”

O apagamento e as violências contra as festividades e manifestações de rua, dos espaços de manifestação popular e em especial do carnaval maceioense se deu também, por exemplo, no atraso de recursos financeiros para os blocos e escolas de samba, a

⁷⁷ **SECRETARIA** ainda não pensa em momo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 17 jan. 1980, p. 3.

diminuição desses repasses financeiros sem qualquer diálogo ou aviso prévio para os grupos, atuação do poder público que colocava esses espaços públicos de festividades e essas pessoas produtoras de cultura em desimportância.

Uma reportagem do jornal Gazeta de Alagoas, intitulada *CARNAVAL-80*, trazia na página 2 uma série de notícias sobre o carnaval de 1980, entre essas notícias em evidência era apresentado o programa que o Clube Fênix Alagoana oferecia para seus associados para os festejos carnavalescos, bandas, bailes e grupos recheavam o Clube e suas animações e folias. Entre outras notícias com menor destaque naquela página aparecia uma notícia intitulada *Pedida a À COC liberação de verba*. A notícia tratava sobre os pedidos de ajuda que as agremiações carnavalescas vinham fazendo à Comissão Organizadora do Carnaval:

Os clubes carnavalescos, blocos e escolas de samba vão oficializar apelo à Comissão Organizadora do Carnaval, no sentido de que a primeira parcela dos cursos que serão oferecidos como ajuda seja liberada ainda este mês. Dizem que somente com essa decisão, poderão começar os preparativos para os desfiles do Banho de Mar à fantasia, no domingo 9 e o de sábado de Zé Pereira, de abertura do carnaval. A ajuda normalmente é entregue em 3 parcelas, sendo as duas primeiras antes do tríduo momesco enquanto a última tem liberação assegurada depois do carnaval. A última cota fica para ser paga depois, como uma garantia de que as entidades momescas participarão dos desfiles, cumprindo todos os itens fixados pela COC, que se dá ao direito de aplicar multas por atrasos na apresentação, principalmente. Pela rivalidade, a situação mais difícil fica para as escolas de samba, que também agrupam maior número de figurantes em suas fileiras e exigem ainda gastos bem superiores aos clubes denominados blocos. Deficitários, elas esperam a liberação dessa primeira parcela para abertura de crediários nas lojas, muitos dos quais se estendem por todo o ano, para ser quitados, principalmente a Jangadeiros e Unidos do Poço, as maiores forças do carnaval de rua de Maceió. No ano passado, a Comissão Organizadora do Carnaval liberou a primeira parcela da ajuda financeira 15 dias antes do carnaval, o que motivou um corre-corre nos preparativos das agremiações. Achar que o Sr. Afrânio Lages Filho tem que tomar decisões imediatas pois o carnaval está bem próximo e segundo as informações, já tem escolas de samba devendo e com promessas de pagamento para tão logo se liberado esse dinheiro.⁷⁸

É fundamental percebermos que essa notícia, ainda que não assuma um caráter denunciativo em favor das agremiações, revela a realidade destas em meio aos conflitos existentes e bastante intensos no período carnavalesco. A postura de despreocupação e desatenção da Secretaria de Promoções e Esportes do município representada pela figura da COC, repetia práticas de desvalorização com as culturas populares de outros momentos, inclusive do ano anterior. As escolas de samba, por exemplo, são constituídas de grande contingente em seus desfiles, principalmente quando se trata de desfiles

⁷⁸ *Gazeta de Alagoas*, 17 de janeiro de 1980, p. 2.

realizados no carnaval, é uma organização que demanda bastante trabalho e compromissos. As existências dessas escolas de samba nunca dependeram dos poderes públicos, pois, como sabemos, a sua existência está ligada ao seu vínculo na e com a comunidade que se insere e faz parte.

No entanto, quando se trata de desfiles de carnaval, numa lógica de promoção da cultura que está totalmente ligada à participação de governos na promoção de espetáculos, quase tudo se altera. Há exigências, cobranças, pressões e até constrangimentos dos poderes públicos para a garantia de um espetáculo favorável à figura de quem representa o poder executivo municipal. Ora, o que seria então o constrangimento de uma terceira parcela paga apenas após a apresentação na avenida por parte das escolas de samba. É possível conceber que fundos públicos dirigidos, por exemplo, a universidades com seus pesquisadores e intelectuais recebam investimentos do governo em apenas um pagamento e de forma antecipada para a realização de seus projetos e pesquisas enquanto as instituições populares ligadas à cultura estejam sob suspeita de cumprimento de suas obrigações? Não há qualquer precedente que justifique aquela postura das Secretarias e do Governo Municipal.

Portanto, na Maceió turística de Fernando Collor de Mello isso foi um projeto muito claro, o projeto em que colocava a cultura como secundária. Não a cultura organizada e festejada nos clubes privativos e hotéis, apenas a cultura de rua, com aspectos populares e que é por isso mesmo majoritariamente negra. Alguns anos depois, a postura de abandonar as culturas se repetiria quando Collor de Mello, que já no cargo de Presidente da República extinguiria o Ministério da Cultura e o tornaria uma secretaria subordinada diretamente ao palácio do seu governo.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa buscou refletir e compreender o lugar das escolas de samba na sociedade maceioense e alguns dos fatores que resultou na precária situação dessas em relação aos carnavais da cidade e um pouco da própria identificação com a sociedade maceioense. Presentes em vários bairros até o momento da produção dessa pesquisa, as escolas de samba da capital alagoana pouco fazem parte do imaginário coletivo da sociedade maceioense. O enfraquecimento delas, como analisei, está também ligado a medidas que estiveram presentes de forma intensa no período de transição da ditadura militar (1979 – 1985).

Esse período foi marcado por um processo de políticas que ao mesmo tempo marginalizou e criminalizou os territórios periféricos, as pessoas e as produções culturais negras e priorizou e incentivou a criação de uma cidade turística dando centralidade política aos bairros da Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, que receberam grandes empreendimentos hoteleiros.

As próprias medidas e decisões relacionadas a cultura na cidade se confundiam com as políticas de turismo ou do esporte e lazer. A cultura e sobretudo a cultura popular nunca foram vistas como áreas fundamentais de trabalho e de interesse econômico e social - de sentido de vida e de fortalecimento de identidades em Maceió. A cultura sempre esteve subordinada a outras áreas e pastas.

As políticas por parte das secretarias do município para a cultura foram negligenciadas e abandonadas naquele contexto de autoritarismo, o repasse de verbas era uma demonstração do desprezível tratamento com relação as escolas, que recebiam esses repasses parcelados em diversas vezes, o que sempre comprometia quase todo arranjo das agremiações, muitas vezes recebendo a primeira parcela nas vésperas dos desfiles de carnaval.

Essa pesquisa também constatou que mesmo inseridas em um contexto autoritário e de marginalização, as escolas tiveram um papel ativo e de protagonismo em todo o processo, muito semelhante com o que tem ocorrido no contexto de produção dessa pesquisa. Por exemplo, quando não havia nos períodos carnavalescos qualquer preocupação de garantia dos desfiles por parte do município e das secretárias, era a partir das mobilizações iniciais das escolas e de pressão coletiva sobre os repasses financeiros que se iniciavam as discussões e as organizações efetivas dos desfiles e dos carnavais de rua.

Observamos que apesar de intensa propaganda dos jornais em relação aos carnavais privados, os espaços principais do carnaval maceioense eram as ruas, ambiente principal das atuações das escolas de samba e dos blocos carnavalescos. O movimento de elitização do carnaval não só se deu em outros estados como também em Maceió. Nesse período no Rio de Janeiro entidades privadas começavam a cobrar ingressos do público para assistirem aos desfiles das escolas de samba, em Maceió era intensa a propaganda aos clubes privados de classe média e das elites.

Na capital alagoana havia até inversão das responsabilidades do poder público, que se confundia com a participação dos setores privados. Percebemos isso quando, por exemplo, a prefeitura administrada por Fernando Collor exigiu a participação da iniciativa privada para a realização dos carnavais de rua, cobrando a contribuição e o financiamento da Federação do Comércio.

Ao tempo que os principais jornais impressos da capital alagoana faziam explícita propaganda dos carnavais de clubes como Fênix, Iate e CRB, os carnavais de rua e as associações como as escolas e os blocos eram questionados e relacionados a badernas, vandalismos e prisões. Muitas vezes compartilhando as mesmas páginas desses jornais com casos de crimes ocorridos no estado de Alagoas.

Como vimos os bairros e as festividades carnavalescas estavam sob forte repressão policial, que naquele contexto de ditadura militar ganhou o aval e a defesa dos principais jornais veiculados na cidade. A vigilância e a violência que foram características do regime autoritário ecoava nos períodos de carnaval da cidade, a utilização das Forças Armadas como uma força policial foi utilizada sem hesitação pelas prefeituras empossadas pelo regime militar. A exposição e atribuição de suspeitas criminosas aos jovens e as periferias da cidade era explícita.

Nessa pesquisa também apontei que no momento da transição autoritária para a democracia houve forte vigilância e controle contra as escolas para a garantia de que não se tornariam núcleos comunistas, mesmo que as escolas de samba, durante a ditadura, não demonstrassem qualquer evidência de subversão ou de ideais revolucionárias aos moldes da esquerda no Brasil.

Foi interessante perceber que mesmo naquele contexto não houve em Maceió passividade nas variadas associações negras em relação ao regime militar – Sejam os coletivos ligados as universidades, sejam aquelas ligados as comunidades e a cultura popular. Naquele momento autoritário, inclusive, é perceptível como as escolas de samba

de Maceió buscaram estratégias para conviver com o regime. Diferente de outras associações negras ligadas aos estudantes e as universidades.

Outrossim essa pesquisa revelou que diferentemente de muitas escolas de samba do Rio de Janeiro ou de outros estados, não houve um enfrentamento ou resistência por parte majoritária das escolas maceioenses. A principal estratégia analisada por essa pesquisa sobre como as escolas lidaram com o regime é aquela que se refere a uma considerável complacência ou, como chamou o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2021), acomodação.

Portanto, essa pesquisa buscou, dentro de seus limites, evidenciar e questionar problemáticas que envolviam as escolas de samba da capital alagoana. Iniciando um diálogo sobre essas agremiações no âmbito acadêmico da historiografia alagoana. Obviamente o presente trabalho não dá conta da imensidão das questões que envolviam as agremiações da cidade e jamais o daria. Como jamais foi de interesse cobrir a imensidão de sambas e de gentes. Mas de provocar e de sensibilizar o olhar das produções acadêmicas para essas associações e para as pessoas que as constroem. Acredito que a condição das escolas de samba é reveladora de como Maceió e seus tradicionais dirigentes trataram e tratam as produções culturais negras. A produção dessa monografia está inserida nesse sentido de refletir, ainda que dentro de possíveis limites documentais e teóricos, o lugar dessas associações em nossa cidade e nosso estado.

FONTES

AC ACE CNF 050924/85 Fundo SNI. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)** p. 7. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/G. Acesso em: 10 de mai. 2023.

ARE ACE CNF 6709/85 Fundo SNI. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)** p. 1/3. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/iii/85006709/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_iii_85006709_d0001de0001.pdf. Acesso em: 9 de mai. 2023.

ACADEMIA Alagoana entrega título ao João Figueiredo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 13 jan. 1980, Brasil. p. A-2.

BAIRRO Ponta Verde. In: **Cultura e Viagem**. 2013. Disponível em: <https://culturaeviagem.wordpress.com/2013/04/19/em-poucos-anos-tudo-pode-mudar-iii-ponta-verde-maceio/>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

BAIRROS serão animados por orquestras. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 17 jan. 1980. Brasil, p. 2 – Local.

BANHO de Mar foi grande prévia do carnaval de 79. **Jornal de Alagoas**, 20 de fev, 1979, p.1

CARNAVAL 80, Prefeitura quer apoio de entidades lojistas para êxito do carnaval. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 18 jan. 1980.

CARNAVAL começa a ser organizado segunda-feira. **Gazeta de Alagoas**. 12 de jan. p. 2.

Círculo Operário. **Arquivo da Cúria**. Pasta 2 - Círculo Operário.

GRACILIANO Ramos é tema da 13 de Maio. **Jornal de Alagoas**, 14 de fev. 1979. p. A-2.

Grupo show da escola de samba Unidos do Poço, apresentação em comemoração ao Dia do Samba. Praça Gogó da Ema, Ponta Verde, 27 de novembro de 2021. Fonte: Acervo do autor.

ESCOLA de Samba Circulista no carnaval de Maceió em 1953. Fonte: Acervo do **blog História de Alagoas**. Disponível em: <https://www.instagram.com/historiadealagoas/>. Acesso em: 13 de fev. 2023.

JANGADEIROS está começando ensaio. **Jornal de Alagoas**. Maceió, 8 jan. 1980, p. 7.

JUVENAL Lopes repele acusação de que teria plagiado Jucá Santos. **Jornal de Alagoas**, 16 de fev. 1979. p. A-2.

MORRE aos 82 anos Jorge Assunção. **Gazeta de Alagoas**. 21 de jan. 2005. Disponível em: <https://d.gazetadealagoas.com.br/politica/40014/morre-aos-82anos-jorge-assuno>. Acesso em 4 de abri. 2023.

Nota propaganda. **Jornal de Alagoas**, 22 de fevereiro de 1979, p. 8

PARIPUEIRA inspira a Unidos do Poço. **Jornal de Alagoas**. 15 de fev. 1979. pág. 2.

PEDIDA À COC liberação de verba. **Gazeta de Alagoas**, 17 de janeiro de 1980, p. 2.

Praça Lucena Maranhão em 2016. Fonte: **Site Correio dos Municípios**.

Praça Moleque Namorador no bairro de Ponta Grossa, 1980. Acervo digital do professor José Roberto. Disponível no drive: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VFyNFZL7-MUFPHjNGfWoYfdT8kwqDjdx>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

RIO LARGO programa um roteiro para a folia. **Jornal de Alagoas**, 23 de janeiro de 1981, p. 5.

SAMBA da Unidos começa a ser cantado a partir de hoje nas emissoras. **Gazeta de Alagoas**. 23 de jan. 1980, p. 2.

SECRETARIA ainda não pensa em momo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 17 jan. 1980. Brasil.

SECRETARIA para com a movimentação da folia. **Jornal de Alagoas**, 17 de jan- de 1981, p. 3

TABELA de valores de salário mínimo de 1940 a 2022. **site AUDTEC**. Disponível em: <https://audtecgestao.com.br/capa.asp?infoid=1336>. Acesso em: 02 mar. 2023.

TRINTA e três prisões ocorreram na maratona do pré-carnavalesco. **Jornal de Alagoas**, 20 de fev. 1979. p. A-10.

VIGILÂNCIA policial em Maceió. **Jornal de Hoje**. 2 de fev. 1981. p. 4.

EDSON Bezerra: 'O carnaval de Maceió foi fake'. **082 Notícias**, Maceió, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://082noticias.com/2023/02/28/edson-bezerra-o-carnaval-de-maceio-foi-fake/#:~:text=Edson%20Bezerra%20%C3%A9%20Doutor%20em,dos%20terreiros%20acontecido%20em%201912>. Acesso em: 7 mar. 2023

LESSA, Elio. Carnaval no Iate terá 4 prévias e 6 bailes. **Jornal de Alagoas**, 20 de janeiro de 1981, p. 3.

FARIAS, Michelle. Maceió é de novo a única capital do Nordeste em que Bolsonaro teve maioria dos votos. **G1 AL**. Acesso em 10 de dezembro de 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/al/alagoas/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/maceio-e-a-unica-capital-do-nordeste-em-que-bolsonaro-teve-maioria-dos-votos-no-2o-turno.ghtml>

MOTTA, Ricardo. Morre em São Paulo ex-secretário de Kátia Born. **TNH1**. Disponível em: <https://blog.tnh1.com.br/ricardomota/2010/05/06/morre-em-sao-paulo-ex-secretario-de-katia-born/>. Acesso em 20 de abril.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cláudia Cristina Rêgo; FARIAS, Maria Aparecida de; GONÇALVES, Luciano Henrique. Cultura, arte e saber: resgatando valores e raízes de Arapiraca. **Revista Educte**. IFAL, Maceió, v. 10, nº 1, p. 1147-1155. Disponível em: <https://periodicos.ifal.edu.br/educte/article/download/1647/1227/>. Acesso em: 08 de fev. 2023.

ARAÚJO, Lindemberg Medeiros de; RAMOS, Silvana Pirillo; VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa de. Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Penedo, Vol 6, N. 1, p. 139-164, jan/jun 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 20 dez. 2021.

AZEVEDO, Amailton Magno. “**Negritude e Música no Atlântico Sul**”, em AZEVEDO, Amailton Magno(org). *Ritmos Negros: música, arte e cultura na diáspora negra*, 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2021.

BARBOSA. Gustavo Bezerra. **Uma possível “simbiose”: Vadios e capoeiras em Alagoas (1878-1911)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da UFAL. Maceió, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

DIAS, Gabriela Torres. **Os Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da UFAL. Maceió, 2018.

HOBBSAWM, Eric. "Introdução: A invenção das Tradições". Em: Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

JUNIOR, Gonçalo. A ditadura da alegria. **Revista da Fapesp**, n. 136, São Paulo, junho de 2007. disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-ditadura-da-alegria/>

JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **Carnaval e poderes no Rio de Janeiro: escolas de samba entre a Liesa e Crivella**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019.

JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. O Negro no Carnaval. (Parte 1/2). [S.i.S.n.], 17 março 2021. 1 VIDEO (2h 1m). **Blog Ouro de Tolo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kVAbewPNWps&t=6381s>. Acesso em: 12 jun. 2021.

LANGARO, Janaína Julia. Os usos da imprensa como legitimadora da desigualdade social durante a Ditadura Militar. 2019. **Arquivo Histórico Regional** - Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <https://www.upf.br/ahr/memorias-do-ahr/2019/os-usos-da-imprensa-como-legitimadora-da-desigualdade-social-durante-a-ditadura-militar>. Acesso em: 29 de nov. 2022.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados e Presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar**. 2021. 1º ed. Rio de Janeiro. Zahar.

NATAL, Vinícius. **A voz do Sambista na Academia. Samba em revista: carnaval em tempos de crise**. Rio de Janeiro, v.12, n. 9, p. 43, mai. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1SgcLJ415zfhxqQIGFaUxNXLhZD6U_ICn/view. pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

NATAL, Vinicius. Samba: uma janela para o mundo. **Pensamento Social do Samba**. 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.pensamentosocialdosamba.com/post/samba-uma-janela-para-o-mundo>. Acesso em: 20 dez. 2021.

PROST, Antoine. "Social e cultura indissociavelmente", em Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, **Para uma história cultural**, Lisboa, Estampa, 1998.

SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos Santos. Carnaval e Administração Pública: O papel dos governos locais na configuração das festas. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v.7.n.2,nov. 2010.

SOIHET, Raquel. **A Subversão pelo Riso**. 1ª Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SIMAS, Luiz Antônio. **O Corpo Encantado Das Ruas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.